

www.cepea.esalq.usp.br/hfbrasil

HORTALIÇAS GESTÃO SUSTENTÁVEL

Sustentabilidade econômica das hortaliças é desafiada pelos altos custos de mão de obra



**DUPONT PROGRAMA TOMATE.
PREVENIR É ALIMENTAR MAIS.**

**DuPont™
Equation®**
fungicida

**DuPont™
Curzate®**
fungicida

**DuPont™
Midas® BR**
fungicida

**DuPont™
Kocide® WDG**
fungicida



Manzate® WG
fungicida

**DuPont™
Rumo® WG**
inseticida

**DuPont™
Premio®**
inseticida

**DuPont™
Lannate® BR**
inseticida



Juntos, podemos alimentar o mundo. A DuPont acredita que as respostas para os maiores desafios enfrentados pela humanidade podem ser encontradas através do trabalho em conjunto com universidades, governos, empresas e organizações. Assim, podemos levar ao campo produtos que ajudam no incremento da produtividade, suprindo as necessidades de uma população que não para de crescer.



ATENÇÃO: Este produto é perigoso à saúde humana, animal e ao meio ambiente. Leia atentamente e siga rigorosamente as instruções contidas no rótulo, na bula e na receita. Utilize sempre os equipamentos de proteção individual. Nunca permita a utilização do produto por menores de idade. **CONSULTE SEMPRE UM ENGENHEIRO AGRÔNOMO. VENDA SOB RECEITUÁRIO AGRÔNOMICO.** Produto de uso agrícola. Faça o Manejo Integrado de Pragas. Descarte corretamente as embalagens e restos do produto.

Copyright © 2013 – DuPont™ do Brasil S.A. Todos os direitos reservados. As logomarcas Oval DuPont®, DuPont™, Equation®, Curzate®, Midas®, Kocide® e Rumo® são marcas registradas da E.I. du Pont de Nemours and Company e/ou suas afiliadas. Kocide® WDG Bioactive é marca registrada no MAPA. Manzate® WG é produzido pela United Phosphorus Limited e distribuído pela DuPont™ do Brasil S.A. Março/2013.

Para mais informações:

TeleDuPont 
0800 707 55 17 Agrícola
www.dupontagricola.com.br

COMO MINIMIZAR OS CUSTOS COM MÃO DE OBRA?



João Paulo Bernardes Deleo é da Equipe Custo/Cepea e autor deste Especial Hortaliças.

Este *Especial Hortaliças* apura os custos de produção de tomate em Mogi Guaçu (SP) e em Caçador (SC) e de cebola em São José do Rio Pardo (SP) – regiões importantes para essas culturas. As planilhas de custo de

produção apresentadas na *Matéria de Capa* podem ser um roteiro de cálculo para o produtor apurar detalhadamente os dispêndios com a cultura e analisar o peso de cada item na sua estrutura de custos. O estudo de custos de produção total dessas culturas pode ser conferido entre as páginas 10 e 17.

Para complementar o estudo de custo, ao final da *Matéria de Capa*, são discutidas formas de minimizar o uso da mão de obra nas culturas de tomate e cebola por meio de sistemas de plantio. No estudo comparativo de tomate, avaliou-se o tutoramento semiestaqueado da região de Sumaré (dados de custo fornecidos por produtores e consultores locais) com o

estaqueado de Mogi Guaçu (dados obtidos pela Hortifruti/Cepea no Painel de custos). No caso de cebola, o estudo concentrou-se na região de São José do Rio Pardo e compara o sistema de semeio direto (dados obtidos em Painel) com a produção de mudas (custos fornecidos por produtores e consultores locais).

Apesar de os resultados serem preliminares, a análise comparativa inicia uma discussão importante: quais alternativas o setor dispõe para minimizar o custo da mão de obra na hortifruticultura? Uma ressalva a ser destacada é que esse estudo não leva em conta o impacto dos diferentes sistemas de plantio na produtividade e na qualidade do produto.

PARA UNIFORMIZAR SEUS RESULTADOS, NÃO INVENTE, É CROP-SET™!

Crop-Set™ é um conjunto de extratos vegetais enriquecidos com minerais complexados por aminoácidos. Age reduzindo o estresse, aumenta os caracteres produtivos, melhora o pegamento, a padronização e o crescimento dos frutos.



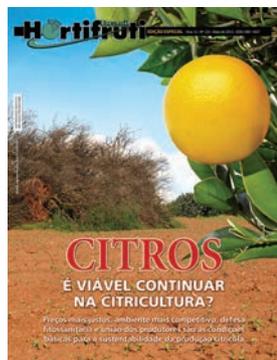
QUEM PLANTA QUALIDADE, COLHE FARTURA.



Sementes Eagle. Referência de bons resultados.

Produtividade e qualidade em hortifrúti começam com sementes Eagle. Uma marca que já é referência nacional em avanços genéticos. Tecnologia, pesquisa e melhoramento garantem os melhores resultados ao produtor e a preferência do consumidor. A Eagle possui uma grande variedade de sementes hortícolas, tais como abóboras, pepinos, porta-enxerto, quiabo, pimentões, abobrinhas, melões, melancias, cebolas, entre outras. Eagle, sementes de qualidade para excelentes colheitas.

OPINIÃO



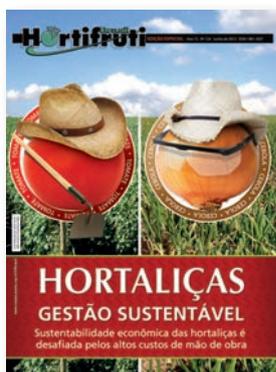
É viável continuar na citricultura?

É muito importante que a **Hortifruti Brasil** publique esses estudos sobre a citricultura paulista, maior centro produtor do Brasil, para que os atuais e novos produtores de citros tenham informações atualizadas sobre o setor podendo, então, planejar e viabilizar seus investimentos na área.

Antonio José Bergamaschi Franceschina – Canoas/RS

A citricultura enfrenta graves problemas como preços baixos que não cobrem os custos diretos, falta de mão de obra na colheita, logística precária de recebimento da fruta pela indústria, causando alto custo de frete, e doenças como o *greening*. Algumas soluções seriam a criação de pequenas indústrias de suco próximas aos pomares e com apoio do governo, comercialização do suco para ex-

CAPA 08



Veja na Matéria de Capa os custos de produção de tomate de Caçador (SC) e Mogi Guaçu (SP) e de cebola em São José do Rio Pardo (SP). Uma análise da mão de obra nessas regiões também é tratada nesta edição.

SEÇÕES

TOMATE



28

CEBOLA



30

FOLHOSAS



32

CENOURA



33

BATATA



34

MELÃO



36

CITROS



37

MANGA



38

BANANA



39

MAÇÃ



40

UVA



41

MAMÃO



42

EXPEDIENTE

A **Hortifruti Brasil** é uma publicação do CEPEA - Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada - ESALQ/USP
ISSN: 1981-1837

Coordenador Científico: Geraldo Sant'Ana de Camargo Barros

Editora Científica: Margarete Boteon

Editores Econômicos: João Paulo Bernardes Deleo, Mayra Monteiro Viana, Renata Pozelli Sabio e Letícia Julião

Editora Executiva: Daiana Braga
MTb: 50.081

Diretora Financeira: Margarete Boteon

Jornalista Responsável: Ana Paula Silva
Ponchio MTb: 27.368

Revisão: Alessandra da Paz, Daiana Braga, Flávia Gutierrez e Flávia Romanelli

Equipe Técnica: Amanda Jéssica da Silva, Amanda Rodrigues da Silva, Ana Beatriz Fernandes Barboza, Fabrício Quinalia Zagati, Felipe Vitti de Oliveira, Fernanda Geraldini Gomes, Flávia Noronha do Nascimento, Gabriela Mattos de Souza, Henrique dos Santos Scatena, Isadora do Nascimento Palhares, João Gabriel Ruffo Dumbra, Marcella Benetti Ventura, Margarete Boteon, Marina Gagliardo Pires, Mayra Monteiro Viana, Renata Pozelli Sabio e Rodrigo Moreira Ramos.

Apoio: FEALQ - Fundação de Estudos Agrários Luiz de Queiroz

Diagramação Eletrônica/Arte: enfase - assessoria & comunicação
19 3524-7820

Impressão:
www.graficamundo.com.br

Contato:
Av. Centenário, 1080
Cep: 13416-000 - Piracicaba (SP)
Tel: 19 3429-8808
Fax: 19 3429-8829
hfcepa@usp.br
www.cepea.esalq.usp.br/hfbrasil

A revista **Hortifruti Brasil** pertence ao Cepea

A reprodução dos textos publicados pela revista só será permitida com a autorização dos editores.

Para receber a revista **Hortifruti Brasil** eletrônica, acesse www.cepea.esalq.usp.br/hfbrasil/comunidade, faça seu cadastro gratuito e receba todo mês a revista em seu e-mail!

HORTIFRUTI BRASIL NA INTERNET

Acesse a versão *on-line* da **Hortifruti Brasil** no site: www.cepea.esalq.usp.br/hfbrasil

Entre também no blog e no twitter:

 www.hortifrutibrasil.blogspot.com

 www.twitter.com/hfbrasil

ESCREVA PARA NÓS.

Envie suas opiniões, críticas e sugestões para:

Hortifruti Brasil - Av. Centenário, 1080 - Cep: 13416-000 - Piracicaba (SP) ou para: hfcepea@usp.br

portação isento de impostos e abastecimento da merenda escolar. Com esses incentivos pode voltar a ter concorrência, mas acho que daqui para a frente a cultura não deve ser mais rentável.

José Mateus Camargo – Tatuí/SP

Conheço vários produtores que erradicaram total ou parcialmente seus pomares, porque muitos não eram citricultores e aproveitaram alguma situação rentável no passado para entrar na atividade. Há também muitos pomares doentes, que precisam ser erradicados. Acredito que eliminando-os, haverá uma redução enorme de produção e os produtores que ficarem serão melhor remunerados. A situação deve melhorar, já que chegamos ao fundo do poço.

André Polettini – Mogi Mirim/SP

Achei a matéria muito clara, ilustra bem a realidade. Identificamo-nos com o estudo de caso da Fazenda 2, pois fizemos mudanças drásticas nos custos de produção na tentativa de viabilizar o negócio. Infelizmente não há tempo viável para muitos citricultores reverterem a situação de baixa rentabilidade. Apenas com financiamentos e investimentos novos, pode-se tentar salvar parte da citricultura paulista.

Robson Fiorin – Vista Alegre do Alto/SP

O Brasil necessita urgentemente de um órgão de pesquisa oficial para atender todos os setores da agricultura e apto a desenvolver estudos sobre melhoramento e controle das enfermidades agrícolas. Em um ambiente equilibrado todos interagem e saem ganhando.

Romeu Suzuki – Califórnia/PR

Creio que a matéria conseguiu seu objetivo. É realmente importante o fortalecimento do setor por meio de uma associação representativa. Quanto ao consumo interno,

não são plantadas variedades de mesa para atender este mercado, visto que apenas 10 milhões de plantas atendem esse consumidor. Não existe mercado promissor sem a devida organização dos citricultores. Acredito em uma perspectiva positiva a partir de 2013, em função da diminuição das propriedades agrícolas e da produção.

Pedro Iannini – Buri/SP

O tema foi bem abordado. O diagnóstico é evidente e as soluções tendem a ser difíceis, vão depender de entendimento entre dois mundos: o da produção citrícola e o das grandes indústrias de suco. Sempre houve um grande descompasso e distanciamento entre citricultores e indústrias e a verdadeira união entre os produtores nunca aconteceu. É preciso que as atuais entidades que congregam a classe produtora de citros se fortaleçam e se modernizem.

Vitor Longo da Silva Filho – Rio de Janeiro/RJ

É necessária a criação de uma política agrícola que normalize o setor desde a quantidade produzida até a porcentagem de capital estrangeiro investido na produção e processamento. A citricultura sempre teve seus picos de alta e baixa e acredito que a partir de 2013 a tendência é voltar a crescer.

Antonio Augusto Fracaro – Jales/SP

A citricultura é um exemplo do descaso do governo com a fruticultura do País, que resulta na ausência de políticas de incentivo ao setor. Com a queda da demanda por suco no mercado externo, o produtor está numa encruzilhada, pois a indústria não compra sua produção e não há o que fazer com um pomar no qual investiu. Acredito que muitos desistirão da atividade.

Carlos Antonio – Tangará da Serra/MT



Surpreendente

Lançamento

Tomate Híbrido F1

Sotero

 **FELTRIN**
SEMENTES

Uma
empresa
voltada para o
futuro

www.sementesfeltrin.com.br | (54) 2109.4400

ESPECIAL HORTALIÇAS GESTÃO SUSTENTÁVEL

Sustentabilidade econômica das hortaliças é desafiada pelos altos custos da mão de obra

A gestão eficiente da mão de obra, tanto com o intuito de ampliar sua produtividade quanto de reduzir seu custo, é um dos principais desafios do setor hortifrutícola ao buscar sustentabilidade econômica. Seus objetivos visam não só reduzir os custos, mas também enfrentar a baixa disponibilidade de trabalhadores rurais.

Uma das medidas que vêm sendo empregadas no setor é a opção por sistemas que demandem um menor contingente de trabalhadores. No entanto, essa decisão não pode se restringir ao quesito mão de obra; é preciso escolher o manejo que proporcione a melhor rentabilidade ao produtor.

Neste *Especial Hortaliças*, além do cálculo do custo

total das culturas de tomate e cebola (páginas 10 a 17), avalia-se também o custo dos principais sistemas de plantio dessas culturas (páginas 22 e 23), buscando-se identificar as diferenças que há em relação às despesas com mão de obra em cada um deles. Ao tratar de tomate, a equipe **Hortifrutí Brasil** analisa os custos de produção dos sistemas estaqueado e semiestaqueado. Pelo uso restrito de tomate rasteiro no mercado de mesa, esse sistema não foi avaliado, apesar de ser mais econômico em termos de mão de obra e implantação (dispensa o uso do tutoramento). No caso da cebola, foram apurados os custos do sistema de plantio com muda e semeio direto. Os resultados do estudo estão nas páginas a seguir.

PRINCIPAIS SISTEMAS DE PLANTIO DE TOMATE E CEBOLA



TOMATE

Estaqueado: é a forma mais utilizada para a condução do tomate de mesa, mesmo demandando mais mão de obra que os demais tipos de tutoramento. O estaqueamento da planta é feito através de estacas, principalmente com bambus cruzados.

Semiestaqueado: demanda menos mão de obra, especialmente porque requer menos estacas. O tutoramento da planta é feito por fitilhos. Os fitilhos também são utilizados no sistema tradicional de estaqueamento, mas somente para amarração e não para a condução da planta.

Rasteiro: é o sistema conduzido sem o tutoramento (estacas). Apesar de esse sistema permitir a mecanização no plantio, tem desvantagens quanto à produtividade e à qualidade do fruto *in natura*. Por esse motivo, produtores de tomate de mesa não costumam adotá-lo. Seu uso é maior para o cultivo do tomate voltado à indústria, que se foca na polpa, não na aparência do fruto.



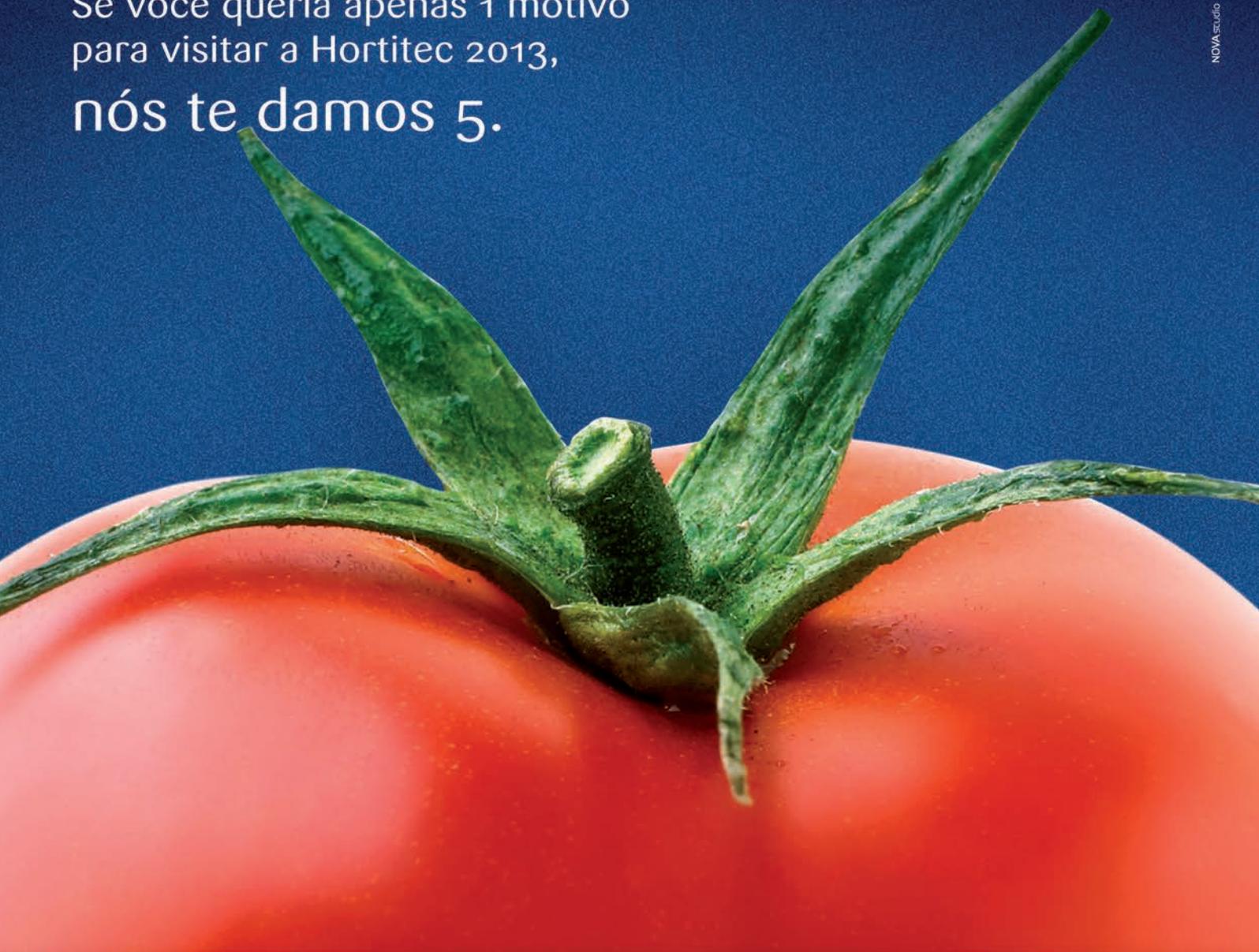
CEBOLA

Mudas: Entre os sistemas de mudas, há dois tipos: bandeja e canteiro. Esses sistemas atendem o mercado *in natura*. O sistema por muda é o mais representativo, ocupando cerca de metade do total cultivado no Brasil.

Semeio direto: É o segundo mais utilizado no País e sua adoção é cada vez maior. É o de maior nível tecnológico, e a tendência é que se torne o principal sistema de plantio. Uma grande vantagem é que requer muito menos mão de obra que os demais sistemas.

Bulbinho: Sistema muito pouco utilizado atualmente no País por conta do seu elevado dispêndio com mão de obra. Uma pequena parcela da produção de Piedade e Divinolândia (SP) o adota. Foi muito utilizado no passado por essas regiões, quando a cebola argentina ainda não era presente no mercado brasileiro, porque permitia a colheita após o encerramento da safra no Sul. Com o aumento das importações do bulbo argentino, a adoção desse sistema diminuiu significativamente.

Se você queria apenas 1 motivo
para visitar a Hortitec 2013,
nós te damos 5.



● Tomate saladete híbrido
Centenário F1



● Tomate saladete híbrido
Caribe F1



● Tomate saladete híbrido
Pioneiro F1



● Tomate santa cruz híbrido
Pegasus F1



● Tomate caqui híbrido
Vento F1

Venha conhecer nossos 5 novos tomates na Hortitec
e diretamente no campo no Open Field Day, na estação experimental da Agristar
em Santo Antônio de Posse/SP, de **19 a 21 de junho**.

Hortitec: Setor azul - Stand 21
das 9h às 19h - Holambra/SP



Estação Experimental:
Rod. SP 340, km 146.5
Santo Antônio de Posse/SP
Sentido Campinas/Mogi Mirim
19 a 21 de junho das 7h às 16h

TOPSEED
Premium
TECNOLOGIA EM SEMENTES

www.AGRISTAR.com.br
Tel.: 24 2222 9000

CUSTO DE PRODUÇÃO DO TOMATE EM MOGI GUAÇU (SP)

Pelo quinto ano consecutivo, integrantes da equipe Tomate/Cepea se reuniram com produtores e técnicos da região de Mogi Guaçu (SP) para apurar os custos de produção de tomate de mesa.

Desta vez, os dados se referem à safra de inverno de 2012. O método para levantamento foi novamente o Painei – reunião de pesquisadores, produtores e técnicos locais que validam juntos cada coeficiente técnico da produção em uma propriedade definida como “típica” pelo grupo. A área de produção típica da região se manteve em 15 hectares, igual ao da temporada 2011 – é a escala média mais representativa tanto em volume produzido quanto em número de produtores.

O calendário de colheita da safra de inverno de Mogi Guaçu iniciou-se em abril e finalizou em novembro de 2012. Produtores da região objetivam cada vez escalonar a oferta ao longo desses meses, evitando concentração.

Mesmo com a maior incidência de fungos no segundo semestre do ano passado, a produtividade média na região passou de 4.000 caixas/ha em 2011 para 4.180 em 2012, favorecida pelo clima mais seco no início da safra.

O cultivo em terras arrendadas continua representando grande parte das lavouras na região paulista. De um ano para

o outro, o valor do arrendamento teve reajuste de 3,4%, passando para a média de R\$ 1.652,89/ha em 2012.

O custo de implantação da estrutura de estaqueamento se manteve estável, a R\$ 6.205,75/ha, com vida útil de três safras ou três anos (no caso de uma safra por ano). Já o dispêndio com a infraestrutura aumentou, em parte porque os produtores precisaram adequar alguns itens de acordo com as exigências da lei, como banheiro e refeitório. Assim, a infraestrutura em 2012 passa a ter a seguinte composição: um barracão (desmontável) com vida útil de três anos, a um custo de aquisição de R\$ 15.000,00, com taxa anual de 10% de manutenção e 20% de valor residual; um refeitório (desmontável) a R\$ 6.000,00, com dois anos de vida útil e taxas de manutenção e valor residual de 25% e 10% ao ano, respectivamente, e dois banheiros no valor de R\$ 1.650,00 cada um, com vida útil de aproximadamente dois anos, sem valor residual.

O total de caixas plásticas necessárias para a colheita de tomate foi de 2 mil, o mesmo que em 2011. O valor de aquisição desta caixa continuou a R\$ 11,00 por unidade, com taxa média de reposição de 25% a.a.

O sistema de irrigação mais comum na região é por sulco. A captação da água se dá por motor elétrico. O inventário de máquinas e implementos é o mesmo de 2011.

PERFIL DA PROPRIEDADE TÍPICA DE MOGI GUAÇU - SAFRA 2012

Área	15 hectares de tomate
Densidade	11 mil pés por hectare
Produtividade em 2012	4.180 caixas por hectare
Obtenção da terra	Arrendamento
Estrutura básica (desmontável)	2 banheiros, 1 refeitório e 1 barracão para seleção de tomates
Estrutura para o estaqueamento	Estruturas de mourão, bambu, arame e fitilho
Sistema de irrigação	Sulco

DESCRIÇÃO DAS MÁQUINAS, IMPLEMENTOS E FERRAMENTAS

- 3 tratores com as respectivas potências: 65, 75 e 100 cv
- 1 arado de 3 discos e 28 polegadas
- 1 grade aradora de 16 discos de 28 polegadas
- 1 distribuidor de calcário de 5 toneladas
- 1 subsolador de 5 hastes
- 1 grade niveladora de 32 discos
- 1 sulcador de duas linhas
- 1 plaina
- 1 pulverizador de 2 mil litros
- 2 carretas de 5 toneladas cada
- 1 tanque de 2 mil litros
- 2 mil metros de mangueira
- 1 veículo utilitário
- 1 ônibus
- estrutura de irrigação (motobomba + canos)
- 9 pulverizadores costais
- 30 enxadas
- 12 cavadeiras

CUSTO TOTAL DE PRODUÇÃO DE TOMATE NA REGIÃO DE MOGI GUAÇU (SP) - SAFRAS DE INVERNO 2011 E 2012

Itens	2011		2012		Var% (ha) (2012 sobre 2011)
	(R\$/ha)	(R\$/pé)	(R\$/ha)	(R\$/pé)	
(A) Insumos	19.228,03	1,75	19.402,84	1,76	0,9%
Fertilizante/Corretivo	9.996,60	0,91	10.106,60	0,92	1,1%
Adubação Foliar	1.169,98	0,11	983,65	0,09	-15,9%
Fungicida/Bactericida	3.413,34	0,31	4.374,17	0,40	28,1%
Inseticida	3.794,52	0,34	3.268,56	0,30	-13,9%
Herbicida	169,82	0,02	97,52	0,01	-42,6%
Adjuvante/Outros	683,78	0,06	572,34	0,05	-16,3%
(B) Semente	3.456,42	0,31	3.456,42	0,31	0,0%
(C) Viverista	400,00	0,04	400,00	0,04	0,0%
(D) Replanteio	385,64	0,04	385,64	0,04	0,0%
(E) Infraestrutura (reposição)	1.930,85	0,18	1.870,70	0,17	-3,1%
(F) Ferramentas de Campo	64,80	0,01	64,80	0,01	0,0%
(G) Operações Mecânicas	2.482,95	0,23	2.574,19	0,23	3,7%
(H) Irrigação	2.066,67	0,19	1.269,84	0,12	-38,6%
(I) Mão de obra	11.302,49	1,03	13.207,20	1,20	16,9%
Meeiros (temporários)	9.749,42	0,89	11.587,20	1,05	18,9%
Permanentes	1.553,07	0,14	1.620,00	0,15	4,3%
(J) Despesa com utilitários	472,53	0,04	558,02	0,05	18,1%
(K) Despesas gerais	5.626,67	0,51	5.626,67	0,51	0,0%
(L) Impostos	2.298,38	0,21	3.985,09	0,36	73,4%
(M) Arrendamento da Terra	1.598,22	0,15	1.652,89	0,15	3,4%
(N) Financiamento do Capital de Giro	2.366,30	0,22	2.976,22	0,27	25,8%
Custo Operacional (A+B+...+N)	53.679,95	4,88	57.430,52	5,22	7,0%
(O) CARP	6.162,97	0,56	7.200,18	0,65	16,8%
Implantação	2.281,96	0,21	2.314,31	0,21	1,4%
Máquinas	1.603,22	0,15	1.970,99	0,18	22,9%
Utilitários	589,98	0,05	666,66	0,06	13,0%
Implementos	697,72	0,06	907,96	0,08	30,1%
Equipamentos de Irrigação	641,28	0,06	724,62	0,07	13,0%
Benfeitorias	348,81	0,03	615,64	0,06	76,5%
CUSTO TOTAL (A+ B+...+O)	59.842,92	R\$ 5,44	64.630,70	R\$ 5,88	8,0%

Custo Total 2011 (4.000 cx/ha) - R\$ 15,30/cx de 23 kg

Custo Total 2012 (4.180 cx/ha) - R\$ 15,46/cx de 23 kg

CUSTO DE PRODUÇÃO DO TOMATE EM CAÇADOR (SC): PROPRIEDADE DE PEQUENA ESCALA

Pelo segundo ano consecutivo, a **Hortifruti Brasil** levanta os custos de produção de tomate na região de Caçador (SC). Neste estudo, a safra analisada foi a de verão 2011/12 em uma propriedade típica de pequena escala de produção, que cultiva 1,25 hectare de tomate – nesta região, a área é calculada a partir do número de pés cultivados e adensamento em cada escala.

Nessa temporada, a oferta elevada dificultou a comercialização do total produzido, e os produtores conseguiram vender somente os frutos de padrão superior. Na propriedade de pequena escala, a produtividade foi estimada em torno de 3.900 cx/ha, mas a quantidade comercializada foi menor, na média de 3.300 cx/ha – para o cálculo do custo, leva-se em conta o número de caixas vendidas e não a produtividade obtida nas lavouras.

O produtor típico de pequena escala trabalha também com outros produtos. Além do tomate, cultiva pimentão, uva, pêssego e milho entre outras culturas. A área total dessa propriedade típica é de 36,3 hectares, sendo 80% reservados para o plantio de um *portfólio* de culturas e outros 20% para Reserva Legal e Área de Preservação Permanente. Quanto aos

funcionários, foram consideradas três pessoas contratadas por um período de seis meses. Produtores trabalharam sem diaristas nessa temporada, optando por ampliar seu *pró-labore* de R\$ 800 para R\$ 1.000/mês durante seis meses (período de cultivo do tomate). O produtor cultiva o tomate em terra própria, rotacionando a área alocada para essa cultura.

A infraestrutura foi a mesma da temporada 2010/11, mas, os valores para as construções tiveram reajustes. A construção do barracão foi estimada em R\$ 25.000,00 e, a da casa de funcionário, em R\$ 65.000,00. Já o custo de implantação da estrutura de condução do tomate não teve alteração frente à safra 2010/11.

O número de caixas necessárias para a colheita se manteve em 400, ao custo unitário de R\$ 15,00, com taxa média de reposição de 5% a.a.

Como o inventário da propriedade não é utilizado apenas para o tomate, a depreciação é rateada de acordo com o percentual de uso de cada cultura. A única mudança na composição dos bens frente ao primeiro estudo em Caçador (publicado na edição nº 113, de junho de 2012) foi a exclusão de um caminhão. Atualmente, o transporte do tomate é de responsabilidade do comprador, que desconta esse custo do preço final da caixa a ser pago ao produtor. Na temporada 2011/12, o desconto foi de R\$ 0,80 por caixa.

PERFIL DA PROPRIEDADE TÍPICA DE PEQUENA ESCALA EM CAÇADOR SAFRA 2011/12

Área	1,25 hectare de tomate
Densidade	12 mil pés por hectare
Produtividade em 2012	3.300 caixas por hectare
Obtenção da terra	Própria
Estrutura básica (fixa)	1 barracão para uso geral e 1 casa para o funcionário
Estrutura para o estaqueamento	Estruturas de mourão, bambu, arame e fitilho
Sistema de Irrigação*	Gotejamento

* Na edição de junho de 2012 (nº 113), foi descrito erroneamente que o sistema de irrigação era por sulco, mas o correto é por gotejamento.

DESCRIÇÃO DAS MÁQUINAS, IMPLEMENTOS, FERRAMENTAS E % USADA NA TOMATICULTURA

• 1 trator de 20 cavalos 4 x 2	20%	• 1 carreta de 5 toneladas e quatro rodas	20%
• 1 trator de 75 cavalos 4 x 2	30%	• 1 distribuidor de calcário de arrasto de 1.500 kg	50%
• 1 grade de 14 discos de 28 polegadas	50%	• 1 pulverizador de 400 litros (conjunto completo)	40%
• 1 subsolador de 5 hastes	20%	• 1 utilitário	30%
• 1 sulcador de 2 linhas	100%	• Ferramentas	100%

* O cálculo da depreciação (CARP) foi ponderado pelos bens que são usados para o tomate, partindo-se do valor de aquisição.

CUSTO TOTAL DE PRODUÇÃO DE TOMATE NA REGIÃO DE CAÇADOR (SC) SAFRAS DE VERÃO 2010/11 E 2011/12 - Pequena escala de produção

Itens	2010/11		2011/12		Var% (ha) (entre safras)
	(R\$/ha)	(R\$/pé)	(R\$/ha)	(R\$/pé)	
(A) Insumos	10.975,50	0,91	10.862,36	0,91	-1,03%
Fertilizante e Corretivo	6.692,20	0,56	7.483,20	0,62	11,82%
Adução Foliar	180,00	0,02	180,00	0,02	0,00%
Fungicida/Bactericida	2.628,40	0,22	1.936,36	0,16	-26,33%
Inseticida	974,40	0,08	726,40	0,06	-25,45%
Herbicida	140,00	0,01	141,40	0,01	1,00%
Adjuvante/Outros	360,50	0,03	395,00	0,03	9,57%
(B) Semente	3.750,00	0,31	4.125,00	0,34	10,00%
(C) Viveirista	780,00	0,07	780,00	0,07	0,00%
(D) Replanteio	317,10	0,03	343,35	0,03	8,28%
(E) Infraestrutura (reposição/manutenção)	2.571,14	0,21	2.470,14	0,21	-3,93%
(F) Operações Mecânicas	2.529,07	0,21	2.019,93	0,17	-20,13%
(G) Irrigação	768,00	0,06	1.440,00	0,12	87,50%
(H) Mão de obra	14.715,52	1,23	17.133,60	1,43	16,43%
Permanente	13.115,52	1,09	17.133,60	1,43	30,64%
Diaristas	1.600,00	0,13	0,00	0,00	-
(I) Despesa com utilitários	1.338,00	0,11	270,00	0,02	-79,82%
(J) Despesas gerais	6.938,00	0,58	7.902,00	0,66	13,89%
(K) Impostos	792,00	0,07	192,00	0,02	-75,76%
(L) Financiamento do Capital de Giro	2.065,99	0,17	2.135,40	0,18	3,36%
(M) Custo Operacional (M=A+B+C+...+L)	47.540,32	3,96	49.673,79	4,14	4,49%
(N) CARP	7.094,98	0,59	6.268,98	0,52	-11,64%
Implantação	174,03	0,01	174,03	0,01	0,00%
Máquina	1.013,20	0,08	1.143,79	0,10	12,89%
Utilitários	1.958,85	0,16	405,28	0,03	-79,31%
Implementos	2.264,46	0,19	2.312,87	0,19	2,14%
Equipamentos de irrigação	925,02	0,08	1.371,89	0,11	48,31%
Benfeitoria	682,19	0,06	768,45	0,06	12,64%
Ferramentas	77,23	0,01	92,68	0,01	20,00%
(O) Custo de Oportunidade da Terra	1.200,00	0,10	1.200,00	0,10	0,00%
(P) CUSTO TOTAL (M+N+O)	55.835,30	4,65	57.142,77	4,76	2,34%

Custo Total safra 2010/11 (3.120 cx/ha) - R\$ 17,90/cx de 23 kg

Custo Total safra 2011/12 (3.300 cx/ha) - R\$ 17,32/cx de 23 kg

CUSTO DE PRODUÇÃO DO TOMATE EM CAÇADOR (SC): PROPRIEDADE DE GRANDE ESCALA

A área típica de uma lavoura de grande escala de tomate em Caçador (SC) é de 27,3 hectares – a mesma do estudo de junho de 2012. Como citado na propriedade de pequena escala, a comercialização do total produzido por hectare em Caçador foi muito inferior à produtividade obtida no campo. O volume médio comercializado foi o mesmo registrado para o pequeno produtor: 3.300 caixas/ha.

A mão de obra é representada por funcionários contratados. Neste grupo, está incluído também o meeiro, que normalmente é registrado pelo produtor por um período médio de seis meses, recebendo um salário mínimo mais comissão de cerca de R\$ 1,10 por caixa colhida. A maioria dos produtores de grande escala continua pagando arrendamento pela terra onde cultivam tomate. O valor do arrendamento na safra 2011/12 foi de R\$ 1.500,00/ha, o que representa 25% a mais que na safra anterior. O tomate comercializado é padronizado e embalado pelo próprio produtor, que possui a máquina de classificação.

Quanto à infraestrutura, manteve-se em dois barracões de madeira, com vida útil de 20 anos. O preço de aquisição de um barracão foi de R\$ 65.000,00 e do outro, de R\$ 35.000,00. Neste estudo, considerou-se somente uma casa de funcionário ao invés de duas e reajustou-se o valor de construção para R\$ 25.000,00, com vida útil de 20 anos. O número de banheiros aumentou para 10, a um custo unitário de R\$ 600,00, com vida útil de cinco anos.

O número de caixas plásticas necessárias para a colheita foi de 5 mil, ao custo unitário de R\$ 14,00 e taxa média de reposição de 10% ao ano. A máquina classificadora foi estimada pelo mesmo valor de 2011, de R\$ 100.000,00, com vida útil de 15 anos, taxa de manutenção de 3% ao ano e 5% de valor residual.

Quanto ao inventário de bens, houve alterações frente ao levantamento anterior. As principais foram: excluiu-se a grade niveladora; adicionou-se um reservatório para preparo de defensivos; em vez de quatro carretas, foram consideradas três e, em vez de três pulverizadores de 400 litros, foram considerado um de 400 litros e outro de 600 litros.

PERFIL DA PROPRIEDADE TÍPICA DE GRANDE ESCALA EM CAÇADOR SAFRA 2011/12

Área	27,3 hectares de tomate
Densidade	11 mil pés por hectare
Produtividade em 2012	3.300 caixas por hectare
Obtenção da terra	Arrendada
Estrutura básica (fixa)	2 barracões para uso geral, 1 casa para funcionário e 10 banheiros
Estrutura para o estaqueamento	Estruturas de mourão, bambu, arame e fitilho
Sistema de irrigação*	Gotejamento

* Na edição de junho de 2012 (nº 113), foi descrito erroneamente que o sistema de irrigação era por sulco, mas o correto é por gotejamento.

DESCRIÇÃO DAS MÁQUINAS, IMPLEMENTOS, FERRAMENTAS E % USADA NA TOMATICULTURA

• 3 tratores de 25 cavalos 4 x 2	100%	• 1 distribuidor de calcário de arrasto de 5.000 kg	50%
• 2 tratores de 75 cavalos 4 x 2	50%	• 1 pulverizador de 400 litros (conjunto completo)	100%
• 1 trator de 60 cavalos 4 x 2	100%	• 1 pulverizador de 600 litros (conjunto completo)	100%
• 1 trator de 100 cavalos 4 x 4	100%	• 1 reservatório para preparo de defensivos	100%
• 1 grade de 16 discos de 28 polegadas	50%	• 1 caminhão	50%
• 1 subsolador de 7 hastes	50%	• 1 ônibus	100%
• 1 sulcador de 2 linhas	100%	• 2 motos	100%
• 3 carretas de 6 toneladas e quatro rodas	100%	• Ferramentas	100%

* O cálculo da depreciação (CARP) foi ponderado pelos bens que são usados para o tomate, partindo-se do valor de aquisição.

CUSTO TOTAL DE PRODUÇÃO DE TOMATE NA REGIÃO DE CAÇADOR (SC) SAFRAS DE VERÃO 2010/11 E 2011/12 - Grande escala de produção

Itens	2010/11		2011/12		Var% (ha) (entre safras)
	(R\$/ha)	(R\$/pé)	(R\$/ha)	(R\$/pé)	
(A) Insumos	12.336,30	1,12	9.359,57	0,85	-24,13%
Fertilizante e Corretivo	7.615,00	0,69	6.121,00	0,56	-19,62%
Adubação Foliar	90,00	0,01	270,00	0,02	200,00%
Fungicida/Bactericida	3.156,40	0,29	1.805,90	0,16	-42,79%
Inseticida	974,40	0,09	660,67	0,06	-32,20%
Herbicida	140,00	0,01	206,00	0,02	47,14%
Adjuvante/Outros	360,50	0,03	296,00	0,03	-17,89%
(B) Semente	2.640,00	0,24	2.970,00	0,27	12,50%
(C) Viveirista	514,80	0,05	572,00	0,05	11,11%
(D) Replanteio	315,48	0,03	354,20	0,03	12,27%
(E) Infraestrutura (reposição/manutenção)	1.959,61	0,18	2.282,38	0,21	16,47%
(F) Operações Mecânicas	1.717,19	0,16	1.764,99	0,16	2,78%
(G) Irrigação	440,00	0,04	562,00	0,05	27,73%
(H) Mão de obra	16.960,00	1,54	17.314,00	1,57	2,09%
Meeiros (temporários)	14.672,00	1,33	14.718,00	1,34	0,31%
Fixos	1.760,00	0,16	2.024,00	0,18	15,00%
Tratoristas	528,00	0,05	572,00	0,05	8,33%
(I) Despesa com utilitários	563,75	0,05	564,30	0,05	0,10%
(J) Despesas gerais	5.687,74	0,52	6.815,13	0,62	19,82%
(K) Impostos	116,60	0,01	169,03	0,02	44,97%
(L) Arrendamento da terra	1.200,00	0,11	1.500,00	0,14	25,00%
(M) Financiamento do Capital de Giro	1.948,02	0,18	1.861,57	0,17	-4,44%
(N) Custo Operacional (N=A+B+C+...+M)	46.399,49	4,22	46.089,18	4,19	-0,67%
(O) CARP	5.182,19	0,47	3.618,96	0,33	-30,17%
Implantação	94,96	0,01	170,93	0,02	80,00%
Máquina	1.702,74	0,15	536,62	0,05	-68,48%
Utilitários	501,53	0,05	480,89	0,04	-4,11%
Implementos	972,42	0,09	611,24	0,06	-37,14%
Equipamentos de irrigação	1.418,35	0,13	1.562,21	0,14	10,14%
Benfeitoria	425,75	0,04	190,63	0,02	-55,23%
Ferramentas	66,44	0,01	66,44	0,01	0,01%
(P) CUSTO TOTAL (N+O)	51.581,68	4,69	49.708,14	4,52	-3,63%

Custo Total safra de verão 2010/11 - (3.520 cx/ha) - R\$ 14,65/cx de 23 kg

Custo Total safra de verão 2011/12 - (3.300 cx/ha) - R\$ 15,06/cx de 23 kg

CUSTO DE PRODUÇÃO DE CEBOLA EM SÃO JOSÉ DO RIO PARDO (SP)

A **Hortifruti Brasil** realizou pela primeira vez o levantamento e estudo dos custos de produção de cebola em São José do Rio Pardo (SP) por meio do método de Paineis. São José do Rio Pardo é um dos principais polos produtores de cebola do Brasil.

A safra avaliada é a de 2012. A lavoura típica (mais comum) de cebola na região tem em torno de 40 hectares. Apesar de muitos produtores terem outras culturas além de cebola, o inventário descrito a seguir restringiu-se aos itens usados para a produção de cebola. A região possui calendário de colheita bastante concentrado, com início em agosto e finalização em outubro.

A produtividade média foi de 60 t/ha em 2012, o que é baixo para o padrão tecnológico adotado – o normal seria acima de 80 t/ha. A redução deveu-se ao excesso de chuva no segundo semestre de 2012.

Neste estudo, foi considerado o arrendamento, apesar de existir também o plantio em terras próprias. O valor do arrendamento costuma representar 15% da produtividade por hectare, já incluindo o sistema de irrigação (pivô central) fornecido pelo proprietário da terra. Apesar de a safra de 2012

apresentar baixa produtividade, os preços da cebola foram bastante altos, o que elevou muito o valor do arrendamento na região.

O sistema de plantio considerado foi o semeio direto e a colheita, a semimecanizada. O beneficiamento foi terceirizado ao custo de R\$ 0,80 por saca de 48 kg.

Quanto às benfeitorias, considerou-se um barracão/oficina de máquinas (valor de R\$ 100.000,00) e uma casa de funcionário dedicado ao cultivo da cebola. Essas benfeitorias não se encontram na área arrendada e, sim, na propriedade do produtor de cebola, que costuma ser próxima ao arrendamento. Já as demais benfeitorias necessárias encontram-se na área arrendada e o valor já está incluso no custo da terra.

APOIO:

TOPSEED
Premium
TECNOLOGIA EM SEMENTES

www.AGRISTAR.com.br

PERFIL DA PROPRIEDADE TÍPICA DE SÃO JOSÉ DO RIO PARDO - SAFRA 2012

Área	40 hectares
Produtividade em 2012	60 toneladas por hectare
Obtenção da terra	Arrendamento
Estrutura básica	1 barracão/oficina de máquinas, 1 casa para funcionário
Sistema de plantio	Semeio Direto
Sistema de Irrigação	Pivô Central

DESCRIÇÃO DAS MÁQUINAS, IMPLEMENTOS E FERRAMENTAS*

- 3 tratores 4 x 4, sendo dois com potência de 75 cv e 1 com potência de 105 cv
- 1 arado de 3 discos de 28 polegadas
- 1 grade aradora de 12 discos de 32 polegadas
- 1 distribuidor de calcário de 500 kg
- 1 subsolador de 5 hastes
- 1 grade niveladora de 32 discos de 22 polegadas
- 1 canteirador
- 1 plaina
- 1 pulverizador de 600 litros
- 1 carreta com capacidade para 3 toneladas
- 1 tanque de água de 3 mil litros
- 1 guincho hidráulico
- 1 enxada rotativa
- 1 roçadeira
- 1 esparramadeira de calcário
- 1 semeadora de cebola
- 1 arrancadeira de cebola
- 1 veículo utilitário

* Alocados exclusivamente para a cultura da cebola.

CUSTO TOTAL DE PRODUÇÃO DE CEBOLA NA REGIÃO DE SÃO JOSÉ DO RIO PARDO (SP) - SAFRA 2012

Itens	Custo/ha (R\$/ha)	Custo/kg (R\$/kg)	% CO	% CT
(A) Insumos	7.644,47	0,13	22,80%	21,71%
Fertilizante e Corretivo	2.516,50	0,04	7,51%	7,15%
Adubação Foliar	484,00	0,01	1,44%	1,37%
Fungicida/Bactericida	3.464,70	0,06	10,33%	9,84%
Inseticida	761,67	0,01	2,27%	2,16%
Herbicida	294,60	0,00	0,88%	0,84%
Adjuvante/Outros	123,00	0,00	0,37%	0,35%
(B) Semente	3.800,00	0,06	11,33%	10,79%
(C) Operações Mecânicas	1.336,00	0,02	3,98%	3,79%
Preparo de solo	430,85	0,01	1,29%	1,22%
Adubação e correção	200,52	0,00	0,60%	0,57%
Plantio	59,87	0,00	0,18%	0,17%
Pulverização	558,78	0,01	1,67%	1,59%
Arranquio	85,98	0,00	0,26%	0,24%
(D) Irrigação	968,05	0,02	2,89%	2,75%
(E) Mão de obra	6.536,00	0,11	19,49%	18,56%
Colheita	5.625,00	0,09	16,78%	15,98%
Tratorista	511,00	0,01	1,52%	1,45%
Permanente	150,00	0,00	0,45%	0,43%
Temporário	250,00	0,00	0,75%	0,71%
(F) Despesas gerais	2.086,07	0,03	6,22%	5,92%
(G) Comercialização/Beneficiamento	1.000,00	0,02	2,98%	2,84%
(H) Arrendamento	8.258,29	0,14	24,63%	23,45%
(I) Financiamento do Capital de Giro	1.897,73	0,03	5,66%	5,39%
(J) Custo Operacional (J=A+B+C+...+I)	33.526,61	0,56	100,00%	95,22%
(K) CARP	1.682,72	0,03		4,78%
Máquina	652,58	0,01		1,85%
Utilitários	193,36	0,00		0,55%
Implementos	616,78	0,01		1,75%
Benfeitoria	220,00	0,00		0,62%
(L=J+K) CUSTO TOTAL	35.209,33	0,59		100,00%

Custo Total (3.000 cx/ha) - R\$ 11,74/cx de 20 kg

É IMPORTANTE ENCONTRAR FORMAS DE MINIMIZAR O CUSTO DA MÃO DE OBRA NA HORTIFRUTICULTURA

Em tempos em que a mão de obra está cada vez mais escassa e onerosa, envolvida com tantas burocracias e implicações trabalhistas, a busca por um sistema que requeira menos trabalhadores se torna essencial na hortifruticultura.

A discussão a seguir (páginas 22 e 23) qual seria o melhor sistema de tutoramento de tomate e de plantio de cebola quando a mão de obra é um fator limitante. Os sistemas semiestaqueado em tomate e o semeio direto em cebola tendem a requerer menos mão de obra que os tradicionais de estaqueamento em tomate e a produção de mudas em cebola.

Para a comparação dos sistemas de tutoramento do tomate, a equipe **Hortifruiti Brasil** analisa dados obtidos em painel de custos de produção em Mogi Guaçu (estaqueado) e também informações compiladas/passadas diretamente por produtores e técnicos da região de Sumaré (semiestaqueado) – regiões paulistas. No caso da

cebola, o comparativo dos sistemas de plantio também conta com informações de Painel, referentes ao semeio direto, e outras transmitidas por produtores e técnicos, a respeito do transplante de mudas, ambas na região de São José do Rio Pardo (SP).

É importante ressaltar que são estudos preliminares e que demandam aprofundamento da pesquisa para que possam ser emitidos resultados mais conclusivos sobre o melhor sistema a ser adotado.

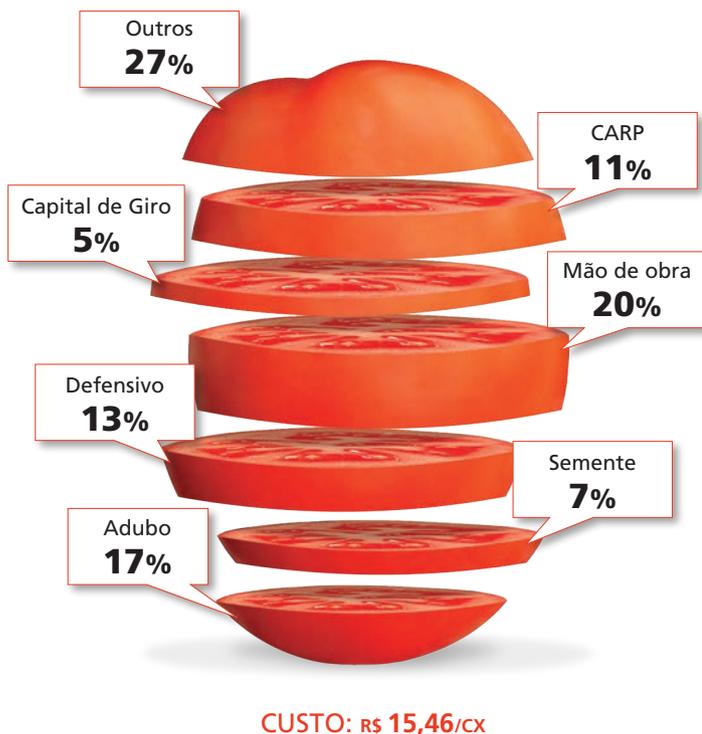
No caso da cebola, a grande vantagem do semeio direto é a redução significativa do uso de mão de obra, tanto que sua adoção vem aumentando. Porém, o produtor precisa ter escala que viabilize a posse de uma máquina para o semeio, caso na região não haja equipamentos disponíveis para locação. Em casos de pequena escala de produção, onde a mão de obra predominantemente é familiar, o custo do maquinário ainda é inviável.

No caso do sistema semiestaqueado de tomate, a principal vantagem destacada por todos é a redução no número de estacas. No caso da mão de obra, muitos alegam que nem sempre é possível uma redução da mão de obra como será observado na página 22. Além disso, um dos aspectos destacados por parte dos produtores que defendem o sistema estaqueado é que o semiestaqueado não permite produzir com mesma qualidade.

Outro desafio no setor é que sejam adotadas formas que minimizem o uso de mão de obra na colheita. No caso da cebola, atualmente, há o sistema semimecanizado, em que a colheitadeira revolve o solo e uma equipe segue atrás fazendo a catação e limpeza dos bulbos. No Brasil, ainda não é comum máquinas que façam todo o processo de colheita e limpeza, mas já existem em outros países. No caso do tomate, o sistema de tutoramento não permite a mecanização. Assim, é importante o estudo também de outros sistemas em tomate de mesa, como o rasteiro. Em casos extremos de falta de mão de obra, a opção da mecanização deve ser avaliada também para o tomate de mesa, através do plantio do rasteiro, por exemplo.

PRINCIPAIS ITENS DO CUSTO DE PRODUÇÃO DE MOGI GUAÇU (EM %)

SAFRA 2012



Fonte: Cepea

Não importa o sotaque, de norte a sul temos a cebola ideal para você.



A **Topseed Premium**, líder na comercialização de sementes de cebola, investe em alta tecnologia e na disseminação de informações e técnicas que ajudem os produtores de todo o país a obterem os melhores resultados no campo.

Por isso, participamos do **SENACE - Seminário Nacional de Cebola**, que este ano ocorrerá, nos dias **17 a 19 Junho**, em **São José do Rio Pardo - SP** e apoiamos o **CEPEA da Esalq - USP** no desenvolvimento do **Painel de Custo de Produção de Cebolas em São José do Rio Pardo - SP**.

A **Topseed Premium** acredita no crescimento da cebolicultura e do produtor rural.

Visite nosso stand na Hortitec e aproveite para conhecer os lançamentos e produtos das nossas linhas de sementes de hortaliças, diretamente no campo no Open Field Day, na estação experimental da Agristar em Santo Antônio de Posse - SP, de 19 a 21 de Junho.

TOPSEED
Premium
TECNOLOGIA EM SEMENTES

www.AGRISTAR.com.br

Tel.: 24 2222 9000



EFICIENTE NAS CULTURAS DE TOMATE, CEBOLA E BATATA.

RIDOMIL GOLD BRAVO

CUIDA DA SUA PLANTAÇÃO, PROTEGENDO SEMPRE E COMBATENDO QUANDO NECESSÁRIO.

Ridomil Gold Bravo é o pior inimigo para as principais doenças que atacam a sua plantação: a requeima no tomate e na batata e o míldio na cebola e outro protetor. Além disso, ele é resistente à chuva e tem grande aderência na planta. Com Ridomil Gold Bravo, a sua plantação fica protegida e você fica tranquilo.



Restrição de uso no Estado do Paraná.
Informe-se sobre e realize o manejo integrado de pragas.
Descarte corretamente as embalagens e restos de produtos.

ATENÇÃO Este produto é perigoso à saúde humana, animal e ao meio ambiente. Leia atentamente e siga rigorosamente as instruções contidas no rótulo, na bula e na receita. Utilize sempre os equipamentos de proteção individual. Nunca permita a utilização do produto por menores de idade.

CONSULTE SEMPRE UM
ENGENHEIRO AGRÔNOMO.
VENDA SOB RECEITUÁRIO
AGRÔNOMICO.



c.a.s.a.
0800 704 4304

www.syngenta.com.br



Ridomil Gold[®]
Bravo

syngenta.

TM

TOMATE: SISTEMA ESTAQUEADO VERSUS SEMIESTAQUEADO

No caso da tomaticultura, o objetivo é comparar os principais itens de custo que diferenciam o sistema estaqueado e o semiestaqueado, representados nesta análise, respectivamente, pelas regiões de Mogi Guaçu e Sumaré.

Ainda que preliminar, o estudo comparativo aponta que a mão de obra e o custo das estacas são os itens que mais diferenciam um sistema do outro. Nos casos analisados, constatou-se economia do semiestaqueado na ordem de 10%

na mão de obra e de 12% com estacas.

Paralelamente à economia com mão de obra no sistema semiestaqueado, produtores apontam como grande vantagem o menor número de estacas para a implantação da cultura, o que diminui gastos com transporte e armazenamento desse material – normalmente, o cultivo do tomate é em terras arrendadas e com rotação da área de uma safra para outra. Estima-se que a estrutura de condução no semiestaqueado

(continuação página 23)

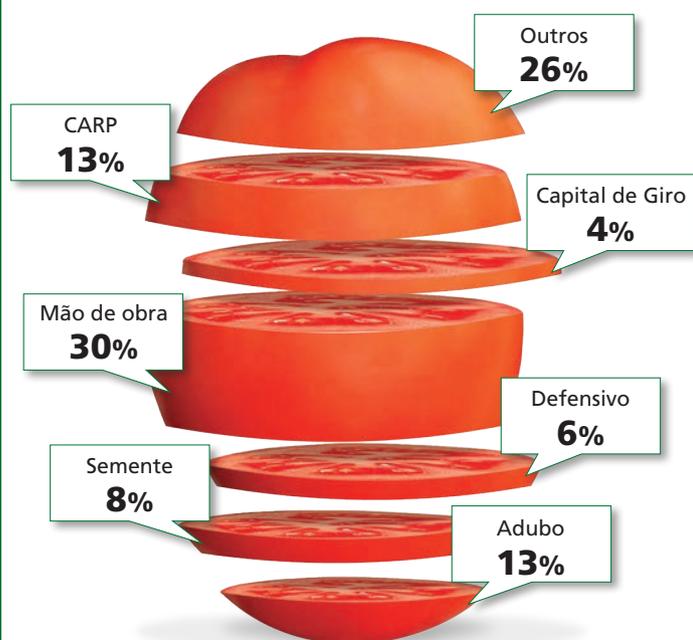
A ECONOMIA COM MÃO DE OBRA NO SISTEMA SEMIESTAQUEADO É DE 10%

ITEM	ESTAQUEADO	SEMIESTAQUEADO	VANTAGEM DO SEMIESTAQUEADO
A. Demanda de funcionários na implantação:	768 horas-homem/ha	691 horas-homem/ha	10%
B. Custo com mão de obra na implantação – R\$/ha:	R\$ 3.671,64/ha	R\$ 3.304,48/ha	10%
C. Depreciação e custo de manutenção anual do sistema de estaqueamento (R\$/ha):	R\$ 4.217,00	R\$ 3.721,00	12%

Fonte: Cepea

PRINCIPAIS ITENS DO CUSTO DE PRODUÇÃO DE CAÇADOR PEQUENA ESCALA (EM %)

SAFRA 2011/12

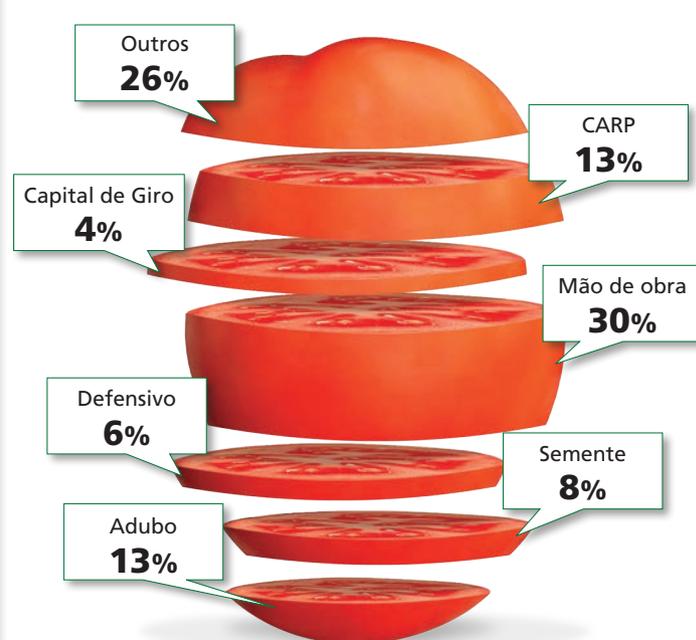


CUSTO: R\$ 16,42/cx

Fonte: Cepea

PRINCIPAIS ITENS DO CUSTO DE PRODUÇÃO DE CAÇADOR GRANDE ESCALA (EM %)

SAFRA 2011/12



CUSTO: R\$ 14,65/cx

Fonte: Cepea

(continuação)

custe 12% a menos que o estaqueado.

Como o sistema estaqueado requer um número muito grande de estacas, entre uma safra e outra, o gasto com transporte e armazenamento acaba sendo muito alto, principalmente para os produtores de grande escala e que produzem em diversas regiões ao longo do ano. Já na pequena e média escala de produção, com lavouras concentradas em uma única praça, o valor do armazenamento e transporte

das estacas não é um item elevado no custo de formação.

Para complementar os resultados ora apresentados, a equipe **Hortifruti Brasil** destaca a importância de se mensurar também o custo total de cada sistema, levando-se em conta todos os itens envolvidos em cada um deles. Um dos parâmetros que não foi considerado nesta análise é o efeito da produtividade e da qualidade nos dois sistemas.

CEBOLA: TRANSPLANTIO POR MUDAS *VERSUS* SEMEIO DIRETO

A grande diferença entre o sistema de semeio direto e o transplântio por mudas de bandejas é que o primeiro é cultivado diretamente no solo, na área definitiva de produção, ao passo que o segundo requer

o transplântio manual após 30 a 40 dias do semeio em bandejas. Neste sistema, as perdas com sementes são menores que no semeio direto, mas há um gasto muito maior com mão de obra.

TRANSPLANTIO DE MUDAS É 80% MAIS CARO QUE SEMEIO DIRETO

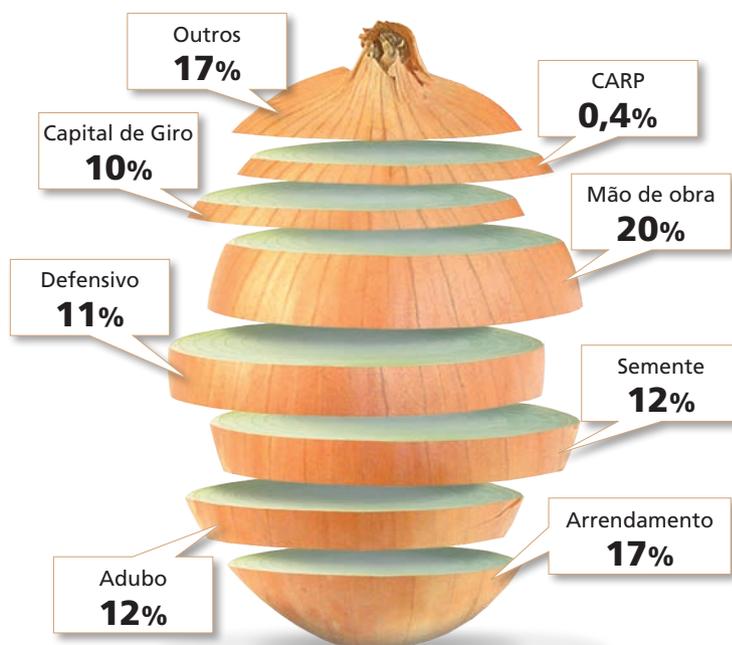
Semeio direto: Neste sistema, o produtor precisa ter ou alugar uma máquina semeadora. O mais comum é que o produtor tenha sua própria semeadora. Na safra 2012, os custos com a operação mecânica que envolve trator + semeadora foi em torno de R\$ 60,00/ha, e a depreciação do conjunto semeadora + trator foi estimada em R\$ 110,00/ha. A operação, portanto, custou cerca de R\$ 170,00/ha (custo operacional + depreciação). Além do maquinário, deve-se levar em conta que, para cada conjunto, é necessário um tratorista e um ajudante, o que adiciona o gasto por hectare de R\$ 40,00 (4 horas por hectare). Como ocorrem mais perdas, o dispêndio com sementes é mais elevado que no sistema de mudas, sendo estimado em R\$ 3.800,00/ha – no sistema de mudas, gasta-se em torno de R\$ 2.300,00/ha com sementes. A irrigação e as pulverizações também se elevam no sistema direto, uma vez que a planta está se desenvolvendo na área definitiva. O gasto adicional com irrigação é cerca de R\$ 323,00/ha e, com defensivos, de R\$ 520,00/ha no período de formação da semente (30 a 40 dias). A soma desses itens ao gasto com a implantação da cultura totaliza R\$ 4.851,88/ha. A mão de obra nesse caso representa menos de 1% do custo total com o semeio.

Transplântio de mudas de bandejas: considerou-se para o estudo comparativo que a produção da muda é terceirizada, produzida por um viveirista, ao custo de R\$ 4,30 por bandeja contendo 288 mudas. Por hectare, são necessárias, em média, 925 bandejas. Assim, o custo total de aquisição das mudas é de R\$ 3.977,50/ha. O produtor ainda terá de fazer o transplântio para a área definitiva, sendo necessários 50 homens/dia por hectare, o equivalente a R\$ 2.500,00/ha. Essa despesa vem a representar 29% do custo total do plantio pelo sistema

de mudas em bandeja, que é de R\$ 8.777,50. Esse montante, portanto, é 80% maior que o estimado para no semeio direto ou, de outra forma, o semeio direto é 45% mais barato.

PRINCIPAIS ITENS DO CUSTO DE PRODUÇÃO DE SÃO JOSÉ DO RIO PARDO (EM %)

SAFRA 2011/12



CUSTO: R\$ 12,43/SC



ENTREVISTA:

“MÉDIOS E GRANDES PRODUTORES SÓ VÃO CONSEGUIR PERMANECER NA ATIVIDADE SE CONSEGUIREM MECANIZAR TODAS AS ETAPAS DE PRODUÇÃO”

Heriton Felisbino

Heriton Felisbino é biólogo pela Faculdade Euclides da Cunha de São José do Rio Pardo (SP) e técnico agrícola formado na Escola Agrotécnica Federal de Muzambinho (MG). É coordenador de Cultura Bulbos e Raízes da Agristar do Brasil.

Hortifruti Brasil: Dos sistemas de plantio de cebola, qual o senhor recomenda?

Heriton Felisbino: O produtor de cebola dispõe atualmente do semeio direto e do plantio por mudas. Para a adoção de um determinado sistema de plantio, devem ser levados em conta questões culturais, tipo de terreno e as condições climáticas da região. Além disso, o produtor deve adotar o sistema que condiz com sua escala de produção e capacidade financeira. No geral, a melhor opção de plantio atualmente é a semeadura direta, pois requer menos mão de obra e proporciona melhor produtividade e qualidade.

HF Brasil: Haveria a tendência de a semeadura direta se tornar o principal sistema de plantio de cebola?

Felisbino: A cada ano, há grande migração dos sistemas de plantios convencionais para o sistema de semeadura direta. Não se pode afirmar que 100% da área será semeada sob o sistema direto porque ainda há limitações para a sua expansão, como: dificuldade em comprar ou alugar uma semeadora, topografia acidentada, condições climáticas e cultivares menos adaptadas a esse sistema.

HF Brasil: Como está a adoção do sistema de plantio direto em São José do Rio Pardo? Quais as vantagens e desvantagens desse sistema na região?

Felisbino: Atualmente, mais de 60% dos produtores da região de São José do Rio Pardo utilizam a semeadura direta. As vantagens são inúmeras: redução da mão de obra, maior janela de semeio, aumento da produtividade, maior escalonamento de plantio e colheita, maior uniformidade e tamanho de bulbo, entre outras. Não podemos dizer que existe uma desvantagem em se optar por semeadura direta, mas é importante entender que há necessidade de se adaptar às suas particularidades de manejo, principalmente no que se diz respeito ao manejo de herbicida.

HF Brasil: O gasto com defensivos é maior no sistema de plantio direto? E quanto aos fertilizantes?

Felisbino: Nos primeiros 30 a 40 dias de plantio, existe

um custo mais elevado com irrigação (energia), maior manejo fitossanitário e de controle de plantas indesejáveis no caso de se optar pelo sistema de semeadura direta. No sistema de transplante de mudas, sejam elas feitas em bandejas ou em canteiros pelos próprios produtores, o custo inicial com esses itens é menor, pois todas as plantas estão confinadas em um pequeno espaço. Quanto aos fertilizantes, não há variação do custo entre os dois sistemas de plantio; o que existe é uma adequação da nutrição de acordo com a população de plantas por hectare.

HF Brasil: Em relação à produtividade, há diferença entre os sistemas de semeio direto e de mudas?

Felisbino: Há uma diferença de produtividade muito elevada entre os dois sistemas. Normalmente, a produtividade máxima no sistema de transplante de mudas é de 50 t/ha. Já no sistema de semeadura direta, podem ser colhidas mais de 100 t/ha. Isso se dá principalmente pelo maior adensamento das plantas por hectare no caso da semeadura direta.

HF Brasil: O senhor acredita que pode diminuir a necessidade de mão de obra na produção da cebola – do plantio à colheita?

Felisbino: Sim, médios e grandes produtores só vão conseguir permanecer na atividade se conseguirem mecanizar todas as etapas de produção da cultura. A cada ano, a mão de obra está mais cara e escassa, e a margem de lucro do produtor, menor. Com certeza, o plantio e a colheita manual vão se restringir apenas à escala de produção familiar.

HF Brasil: O senhor gostaria de fazer mais alguma consideração?

Felisbino: É sempre bom lembrar que o sucesso da atividade agrícola não está atrelado exclusivamente a um fator e, sim, ao conjunto deles. Por isso, é muito importante lembrar que, para um bom resultado, o produtor precisa associar essas técnicas a uma semente de qualidade e de alto potencial genético, além de se atentar para os tratamentos culturais.

**MAIS prevenção
para MAIS culturas**



PinBa

PREVENÇÃO INTEGRADA BAYER

ATENÇÃO Este produto é perigoso à saúde humana, animal e ao meio ambiente. Leia atentamente e siga rigorosamente as instruções contidas no rótulo, na bula e receita. Utilize sempre os equipamentos de proteção individual. Nunca permita a utilização do produto por menores de idade.

CONSULTE SEMPRE UM ENGENHEIRO AGRÔNOMO. VENDA SOB RECEITUÁRIO AGRONÔMICO



Faça o Manejo Integrado de Pragas.
Descarte corretamente as embalagens e restos de produtos.
Uso exclusivamente agrícola.

CONSENTO

INFINITO

NATIVO

MYTHOS

SERENADE

CONNECT

o.b.e.r.o.n

BELT





ENTREVISTA: João Roberto do Amaral Júnior

“TEMOS NOTADO FRUTOS MAIS UNIFORMES NO SISTEMA DE FITILHO QUE NO ESTAQUEADO”

João Roberto do Amaral Júnior é engenheiro agrônomo formado pela Faculdade de Agronomia e Zootecnia “Manoel Carlos Gonçalves”, do Espírito Santo do Pinhal (SP). É consultor de propriedades tradicionais na produção do tomate de mesa.

Hortifruti Brasil: Os sistemas de tutoramento estaqueado e semiestaqueado (tutoramento com fitilhos) são os mais comuns e representativos no Brasil para tomate de mesa? Qual é a estimativa de percentual de uso de cada um deles na tomaticultura?

João Roberto do Amaral Júnior: Cerca de 75% da produção de tomate de mesa é conduzido como estaqueado, com tutoramento em cruzetas de bambu, e os 25% restantes é semiestaqueado, com condução de fitilho virgem com tratamento anti-UV.

HF Brasil: A utilização de um determinado sistema de condução varia de acordo com a região ou acordo com cada produtor?

Júnior: Os sistemas de tutoramento podem variar de acordo com os materiais disponíveis em cada região produtora e também conforme as cultivares produzidas naquela região. Cada produtor também tem suas preferências.

HF Brasil: Dentre os sistemas de condução de tomate, tem algum que o senhor recomenda?

Júnior: Todos os sistemas de condução têm suas vantagens e desvantagens. Costumo recomendar o sistema com fitilho (semiestaqueado) pela vantagem de diminuir as fontes de inóculo de doenças e nematóides (demanda um menor número de estacas). De qualquer forma, temos de respeitar a opinião do produtor, pois podem ocorrer problemas com ventos fortes no sistema de fitilho, com possibilidade até de plantas novas serem arrancadas do chão.

HF Brasil: Há produtores que contrariam alguma recomendação do senhor sobre o sistema de condução de tomate?

Júnior: A maioria acata a recomendação, principalmente porque desenvolvemos o sistema de condução e manejo das plantas junto com os produtores. Mas aceitamos a opinião dos que não concordam. Alguns produtores ainda dizem que o fitilho causa muita injúria mecânica no fruto.

HF Brasil: O sistema de fitilho (semiestaqueado) que o senhor recomenda é o mais utilizado na sua região?

Júnior: O sistema de fitilho tem sido bem utilizado em Sumaré (SP) e também em outras regiões. Nesse sistema, no entanto, tem que se ter o cuidado de usar plástico virgem e com tratamento anti-UV, senão a degradação do material pode causar muito prejuízo ao produtor.

HF Brasil: O gasto com defensivos é maior ou menor no sistema de fitilho frente ao sistema estaqueado? E com fertilizantes?

Júnior: Acredito que o consumo de defensivos não é muito diferente de um sistema para outro, pois o volume de calda dificilmente passa de 700 a 800 litros por hectare. O gasto com fertilizante também independe do sistema de tutoramento.

HF Brasil: A escolha do sistema de condução varia de acordo com a escala de produção? Quanto à produtividade, há diferença entre os sistemas de estaqueamento?

Júnior: Tenho visto desde áreas muito pequenas a grandes com um sistema ou outro, depende muito mais da preferência pessoal do produtor. Quanto à produtividade, acho que o sistema não interfere. O que temos notado são frutos mais uniformes no sistema de fitilho que no estaqueado.

HF Brasil: O senhor acredita que, no futuro, haverá mudança no sistema de condução e colheita do tomate de mesa? É possível adaptar o sistema rasteiro para atender o mercado de mesa?

Júnior: A adoção de um ou outro sistema sempre dependerá da preferência do produtor. Muitos podem até voltar ao sistema tradicional (estaqueado), caso não se adaptem ao de fitilho, embora haja restrições cada vez maiores para se obter material para o tutoramento, como o bambu. Muitos acreditam que o sistema rasteiro pode ser uma opção para o mercado de mesa sob o argumento de menor custo de produção, incluindo menor demanda por mão de obra. No entanto, há outras formas também sendo estudadas para compensar os altos custos de produção, como o cultivo protegido com alta produtividade por área. ■

Solução BASF para o Cultivo do Tomate.

A escolha certa no controle das principais pragas e doenças.

21

Excelente controle das principais pragas e doenças ✓

Ótima sanidade ✓

Melhor classificação da produção ✓

Alta seletividade na cultura ✓

Alta produtividade e rentabilidade
(Benefícios AgCelence®) ✓

Aplique somente as doses recomendadas. Descarte corretamente as embalagens e restos de produtos. Incluir outros métodos de controle de doenças/pragas/plantas infestantes (ex.: controle cultural, biológico etc) dentro do programa do Manejo Integrado de Pragas (MIP) quando disponíveis e apropriados. Para maiores informações referentes às recomendações de uso do produto e ao descarte correto das embalagens, leia atentamente o rótulo, a bula e o receituário agrônomo do produto. Restrições no Estado do Paraná: Polyram® DF temporariamente restrito para *Alternaria solani* em tomate, Cobox® DF temporariamente restrito para o alvo *Colletotrichum gloeosporioides* na cultura do citros. Produtos registrados no Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento sob os seguintes números: Cabrio® Top nº 01303, Cantus® nº 07503, Acrobat® MZ nº 02605, Forum® nº 01395, Polyram® DF nº 01603, Caramba® 90 nº 01601, Fastac® 100 nº 002793, Pirate® nº 05898, Nomolt® 150 nº 01393, Cobox® DF nº 04700, Forum® Plus nº 03502 e Break® Thru nº 3898.

ATENÇÃO Este produto é perigoso à saúde humana, animal e ao meio ambiente. Leia atentamente e siga rigorosamente as instruções contidas no rótulo, na bula e na receita. Utilize sempre os equipamentos de proteção individual. Nunca permita a utilização do produto por menores de idade.

CONSULTE SEMPRE UM ENGENHEIRO AGRÔNOMO. VENDA SOB RECEITUÁRIO AGRÔNOMICO.



Cabrio® Top, Cantus®, Acrobat® MZ, Forum®, Polyram® DF, Caramba® 90, Fastac® 100, Pirate®, Nomolt® 150, Cobox® DF, Forum® Plus e Break® Thru.

Controle eficiente das principais pragas e doenças do tomate com a excelente relação custo/benefício para o produtor.

☎ 0800 0192 500

www.agro.basf.com.br

BASF
The Chemical Company



Oferta de rasteiro aumenta no mercado *in natura*

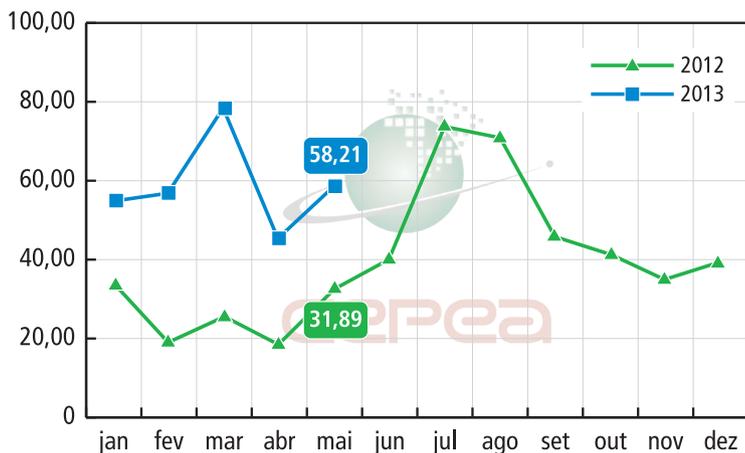
Área de rasteiro aumenta e eleva volume negociado no mercado de mesa

O volume de tomate rasteiro disponível para comercialização no mercado *in natura* tem aumentado desde o início de maio. Essa elevação está atrelada à alta de cerca de 20% na área cultivada com a variedade entre 2012 e 2013 e também aos altos preços do fruto estaqueado desde o início do ano. O aumento na área de tomate rasteiro neste ano se deve à maior demanda das indústrias, visto que os estoques de polpa praticamente se esgotaram no ano passado, o que elevou as importações no começo deste ano. De acordo com o Conselho Mundial de Tomate para Processamento Industrial (WPTC, na sigla em inglês), a produção de polpa nas indústrias brasileiras deve crescer cerca de 30% neste ano. Na média de 2013 (fevereiro a maio), o preço médio da caixa de 22 kg de rasteiro na Ceagesp foi de R\$ 50,46. Agentes consultados pelo Cepea afirmam que, mesmo com o escoamento de rasteiros para o mercado doméstico, a oferta para a indústria não deve ser comprometida, visto que os contratos com produtores já haviam sido fechados em fevereiro.



Temporada de verão 2012/13 termina com preços recordes

O final da colheita em Venda Nova do Imi-



grante (ES) neste mês marca o encerramento da safra de verão 2012/13. De modo geral, esta safra foi caracterizada por elevados patamares das cotações – em março, foi registrado o maior preço mensal (em termos nominais) de toda a série histórica do Cepea, iniciada em 2002: R\$ 79,62/cx na Ceagesp. Isso se deve a dois fatores. Um deles foi o clima chuvoso, típico de verão, que elevou o ataque de fungos e bactérias, reduzindo o rendimento das lavouras. Outro ponto foram as sucessivas reduções nos investimentos. Entre 2010/11 e 2012/13, a queda na área plantada foi de 20%. Se, por um lado, o cenário de forte valorização do tomate pesou no bolso do consumidor, por outro, veio em boa hora aos produtores, que tiveram grandes prejuízos com a temporada 2011/12. Entre novembro/12 e maio/13, o preço médio do fruto na safra de verão, ponderado pela quantidade colhida e classificação do fruto (1A ou 2A), foi R\$ 39,40/cx, valor 130% superior ao custo estimado por produtores para a produção de uma caixa – R\$ 17,14. Ainda é cedo para estimar os caminhos da safra 2013/14, porém, com a recuperação da rentabilidade, há uma possibilidade de recuperação da área, sobretudo nas regiões que tiveram redução mais acentuada nos últimos anos.

Com problemas nas lavouras, Sumaré pode antecipar término da safra

Sumaré (SP) não deve ofertar até julho, conforme previsto anteriormente. Inicialmente, as lavouras dessa localidade foram afetadas por mosca branca durante o transplântio. Em maio, a incidência de fungos e bactérias esteve elevada, devido à chuva em março e abril. Desse modo, além da redução na produtividade para cerca de 270 cx/1.000 pés, bem inferior ao potencial da região, que seria de 350-400 cx/1.000 pés, o término da colheita deve ser adiantado para junho. As atenções na região se voltam para o planejamento da segunda parte da safra, que pode ter o início do transplântio adiantado para julho.



Preço volta a subir em maio

Preços médios de venda do tomate salada 2A longa vida no atacado de São Paulo - R\$/cx de 22 kg

Fonte: Cepea



Dow AgroSciences

Soluções para um Mundo em Crescimento*





RESULTADOS QUE AUMENTAM SEUS NEGÓCIOS

Conheça os resultados do **Tomate COMPACK**

	Concorrente R\$	COMPACK R\$
Custo total de produção		
Semente, muda, fertilizante defensivos, mão de obra embalagem e frete	R\$31.800,00	R\$32.328,00
Rendimento		
2A (R\$40,00/caixa)	Caixas 1.172 R\$ 66.880,00	2.356 94.240,00
1A (R\$25,00/caixa)	Caixas 738 R\$ 18.450,00	346 8.650,00
Lucro	R\$53.530,00	R\$70.562,00

MELHOR CLASSIFICAÇÃO
MAIS FRUTOS 2A

www.seminis.com.br

Dados levantados pela equipe de Desenvolvimento Técnico e Vendas da Divisão de Hortaliças da Monsanto, em 2012, na região de Araguari/MG. Pode haver variação de produtividade e preços conforme a região, época de plantio, clima e manejo da lavoura. Preços e custos foram informados pelo produtor durante o período de colheita.





Vale intensifica colheita da safra 2013

A colheita de cebola da atual temporada, que em maio já havia começado no Vale do São Francisco, deve se intensificar neste mês. Juazeiro (BA) e Petrolândia (PE), que têm sistema de irrigação mais desenvolvido, iniciaram as atividades antes das demais regiões, na primeira semana de maio. As demais praças, que foram mais atingidas pela seca no início do ano, começaram a colher no final de maio. Mesmo com essas diferenças, o pico de safra no Vale deve ocorrer com cerca de 15 dias de antecedência neste ano, entre este mês e o início de julho. Isso porque, com as boas cotações no início da safra, a maioria dos cebolicultores antecipou parte da colheita dos bulbos, na tentativa de garantir bons resultados. Com relação à área de cultivo, deve ser estável devido, principalmente, ao tempo seco, que limitou investimentos.

Cerrado inicia temporada

O Cerrado deu início à colheita da safra 2013 no início de junho. Nesta temporada, a área deve se manter em relação ao ano passado em Minas Gerais. Já em Goiás, a área deve ter aumento de 5%, reflexo da rentabilidade positiva em 2012. A expectativa inicial de produtores era adiantar o calendário desta safra, iniciando a colheita em maio e, assim, aproveitar os bons preços na entressafra. Alguns produtores até apostaram nesse adiantamento; entretanto, com as chuvas entre fevereiro

e março, os resultados não foram muito favoráveis, pois os bulbos apresentaram baixa qualidade e produtividade abaixo do esperado. Assim, a maior parte da colheita segue no calendário normal e as lavouras devem apresentar boa produtividade. O pico de oferta deve ser em julho e agosto, finalizando no fim do ano.

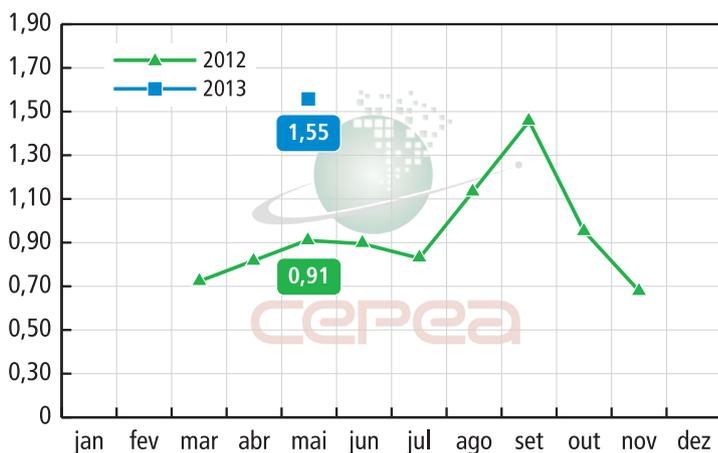
Com menor área, safra de bulbinho começa em junho

A colheita da temporada de bulbinhos no interior de São Paulo começou na primeira quinzena de junho. Segundo produtores, a área teve redução tanto em Divinolândia quanto em Piedade, sendo estimada em 15% e 7%, respectivamente. O recuo nos investimentos está atrelado às fortes chuvas na época de colheita da temporada passada e à migração do cultivo de bulbinhos para híbrida. Para a safra 2013, o clima foi favorável na fase de bulbificação e, dessa forma, a produtividade deve ser satisfatória. As atividades de colheita devem seguir até o fim de julho.



Importação da Argentina aumenta quase 100% em abril

As importações de cebola da Argentina somaram 69,14 mil toneladas em abril, 97% maior frente março, segundo a Secex. Considerando-se os últimos dez anos, período em que o Cepea acompanha o mercado de cebola, este é o maior volume importado mensalmente do país vizinho. Essa alta expressiva é decorrente, principalmente, da baixa oferta nacional neste início de ano. No acumulado de 2013, entraram no País 144 mil toneladas de cebola, sendo que, desta quantidade, a mercadoria da Argentina representou 77%. A maior aquisição de bulbos estrangeiros ocorre desde fevereiro e deve seguir elevada até junho, quando há expectativa de aumento na disponibilidade nacional, não necessitando, portanto, adquirir grandes volumes de cebola importada.



Preço é elevado no início da safra do Vale

Preços médios recebidos por produtores do Vale do São Francisco pela cebola IPA-11 na roça - R\$/kg

Fonte: Cepea



Fertis

A linha de fertilizantes
que já nasce
com o sobrenome FMC.



Focada em oferecer soluções integrais, nutrir e gerar maior ganho de produtividade e qualidade, seja qual for a cultura. Assim nasce Fertis, a linha de fertilizantes foliares da FMC.

Linha Fertis. O importante é nascer com saúde.

FMC

Fazendo Mais pelo Campo



Mesmo com chuva, volume de alface deve continuar elevado em junho

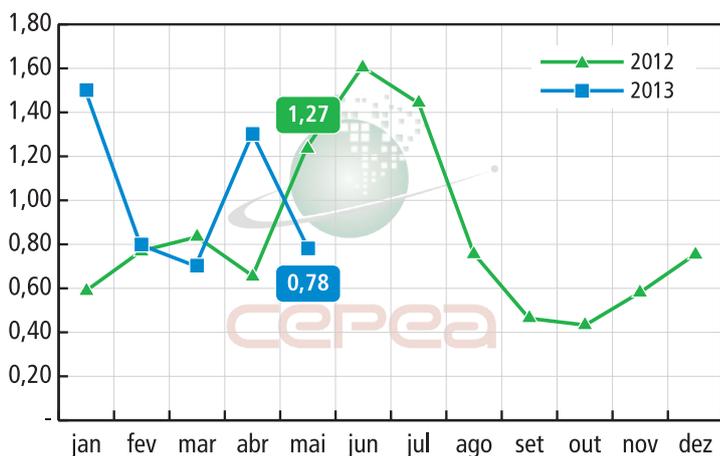


Preços de folhosas devem seguir baixos neste mês

De acordo com as estimativas do projeto Hortifruti/Cepea, o volume de folhosas disponível no mercado deve permanecer elevado em junho. Dessa forma, a expectativa é de que as cotações da alface crespa, lisa e americana permaneçam em patamares baixos em junho, assim como o observado no mês anterior. Em maio, o clima favorável (pouca chuva) ao desenvolvimento das lavouras elevou a produção de alface, enquanto a demanda esteve enfraquecida, por conta das temperaturas mais amenas e dos feriados ao longo do mês. Com isso, em maio, a caixa com 24 unidades de alface crespa foi comercializada na Ceagesp à média de R\$ 11,81, forte queda de 35,3% em comparação à de abril. A caixa com 24 unidades da alface lisa teve média de R\$ 12,09, valor 35,3% abaixo da média de abril. A queda mais expressiva nas cotações, em termos percentuais, ocorreu para a variedade americana, que foi vendida em maio, à média de R\$ 14,14/cx 18 unidades, significativo recuo de 41,6% frente à média do mês anterior.

Produtividade deve ser satisfatória em junho

Apesar do frio, em junho, as precipitações não devem ser volumosas nas praças produtoras



de alface do estado de São Paulo, segundo indicações da Somar Meteorologia. Com isso, apesar do ciclo de desenvolvimento da alface ser mais longo em decorrência das baixas temperaturas, a expectativa é de boa produtividade das lavouras nas regiões de Mogi das Cruzes e de Ibiúna no período. Em maio, as temperaturas médias que ocorreram na segunda quinzena do mês colaboraram para a produção de folhosas, mas, a baixa ocorrência de chuva fez com que a umidade relativa ficasse muito baixa, o que aumentou a necessidade de irrigação nas lavouras. Desde o final de maio, contudo, as temperaturas caíram consideravelmente nas regiões produtoras paulistas, o que prolongou o ciclo de produção das folhosas e enfraqueceu a demanda pelo produto.

Produtores intensificam colheita de inverno

As atividades de colheita da safra de inverno 2013, que iniciaram em maio, devem ganhar ritmo nas regiões paulistas de Ibiúna e de Mogi das Cruzes em junho. A área da temporada de inverno deve crescer 25% na região de Ibiúna, por conta da rentabilidade positiva obtida na temporada de verão 2012/13. Já em Mogi das Cruzes, os investimentos devem ser semelhantes aos da temporada de inverno 2012. Ainda há, inclusive, a possibilidade de ocorrer redução na área de Mogi das Cruzes, devido à desapropriação de imóveis na Região Metropolitana de São Paulo, para a construção do Trecho Norte do Rodoanel. Com relação à qualidade, na última edição da **Hortifruti Brasil**, foi relatada dificuldade do processo de encabeçamento da alface americana, em decorrência do clima mais frio. No entanto, de acordo com produtores, este problema não tem mais ocorrido, o que pode ser explicado pelo aumento da colheita de alface americana híbrida destinada à safra de inverno. Em maio, a alface americana foi comercializada, em Mogi das Cruzes, em média, a R\$ 11,20/cx de 12 unidades, expressiva queda de 25,33% sobre a média de abril.

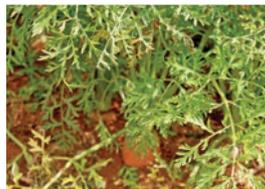


Preço despenca com aumento de oferta

Preços médios de venda da alface americana no atacado de São Paulo - R\$/unidade

Fonte: Cepea

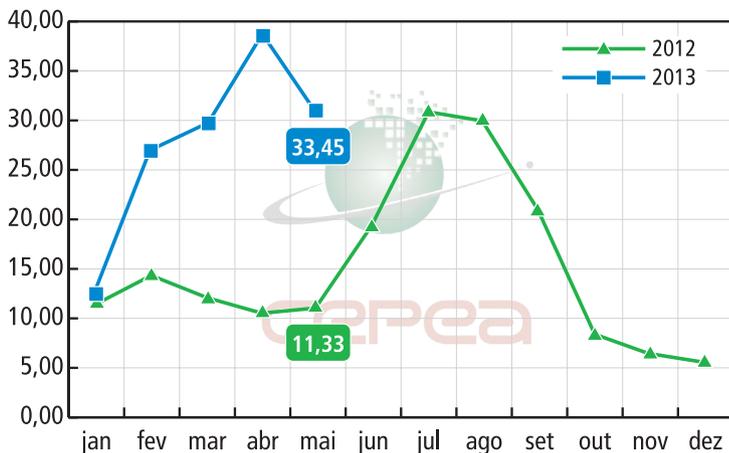




Safra de verão 2012/13 é marcada por preços altos

Baixa produtividade eleva preço da safra de verão 2012/13

A colheita de cenoura da safra de verão 2012/13, que foi iniciada em janeiro, deve ser encerrada em junho em todas as regiões produtoras, com exceção do Rio Grande do Sul, que tem um calendário de verão diferente, e segue até meados de julho. Em geral, o destaque desta temporada foram os altos preços da raiz durante quase todo o período de colheita. Em Goiás, Paraná e Minas Gerais a expressiva valorização da cenoura na safra 2012/13 esteve atrelada à baixa produtividade e ao elevado índice de descarte ocasionado pela chuva no início do ano, e que resultou em oferta reduzida. Já em relação à Bahia, a baixa oferta esteve relacionada ao longo período de seca, que limitou o plantio e dificultou o desenvolvimento das raízes. Nesse cenário, os preços da cenoura na Ceagesp alcançaram, em abril, o maior patamar mensal, em termos nominais, de toda a série histórica do Hortifruti/Cepea, que iniciou em 2008 – a cenoura foi comercializada, em média, a R\$ 49,16/cx de 29 kg no mês. Após o período chuvoso do início do ano, o clima foi mais favorável ao desenvolvimento das lavouras, o que melhorou a produtividade, aumentando a oferta e reduzindo os preços desde o início de maio. Mesmo assim, a temporada de verão ainda deve encerrar com resultados positivos aos produtores.



Maior produtividade das lavouras eleva oferta e preço recua

Preços médios recebidos por produtores de São Gotardo pela cenoura "suja" na roça - R\$/cx 29 kg

Fonte: Cepea



Produtores iniciam colheita de inverno

A colheita da safra de inverno 2013 deve começar no final de junho em São Gotardo, Santa Juliana e Uberaba (MG). Já nas demais regiões acompanhadas pelo Hortifruti/Cepea, a colheita está prevista para ser iniciada em julho – apenas o Paraná deve começar em agosto. Nesta temporada, a área deve ser mantida em praticamente todas as regiões, com exceção da Bahia, onde estima-se redução de 10% nos investimentos, por conta da forte seca. O período de concentração da temporada de inverno deverá ocorrer entre agosto e outubro e, o encerramento da safra, entre o final de dezembro e início de janeiro. O Rio Grande do Sul deve encerrar apenas em março, já que o estado tem a safra de inverno de maior duração quando comparada às demais regiões produtoras, devido às temperaturas mais baixas – o estado começa a temporada em junho e encerra em março do ano seguinte.

Clima pode ser favorável à produção no segundo semestre

Segundo a Somar Meteorologia, o clima no segundo semestre deve ficar dentro da normalidade para o período nas regiões produtoras de cenoura. Assim, em um cenário geral, é esperada que a produtividade seja satisfatória e também superior à do primeiro semestre. Vale ressaltar, no entanto, que ainda podem ocorrer alguns fatores pontuais em determinadas regiões, como geadas na região Sul, que poderiam prejudicar o desenvolvimento de algumas lavouras no Rio Grande do Sul. No Paraná, o clima será mais úmido, sobretudo a partir de setembro, o que poderá reduzir a produtividade das lavouras no período final da temporada. Já com relação ao clima da região Nordeste, as praças de Irecê e de João Dourado (BA) devem permanecer com níveis de água reduzidos nos reservatórios, já que as chuvas só devem aparecer na região no final de outubro e início de novembro.

Visite o estande da
Hortifruti Brasil na Hortitec

Setor Azul · nº 38

19 a 21 de junho · Holambra-SP



Em junho, safra das secas entra em pico de colheita

Paraná abastece mercado nacional em junho

Após iniciar a colheita de batata em maio, produtores de Curitiba, São Mateus do Sul, Irati e Ponta Grossa (PR) intensificam os trabalhos em junho, quando praticamente metade da safra dessas praças deve ser comercializada. Assim, em junho se configura o pico de colheita da safra das secas. Mesmo com a colheita mais concentrada, decorrente dos atrasos no plantio devido ao clima, os preços devem permanecer rentáveis aos produtores, visto que outras regiões, como a Chapada Diamantina (BA), estão com a produção reduzida. Outra praça que deve ofertar boa parte da produção em junho é o Sudoeste Paulista, onde a colheita das secas foi iniciada no começo deste mês.



Geadas prejudicam produção no Sul

A queda nas temperaturas em maio no Sul do País provocou geadas em diversas regiões produtoras de batata. A praça mais afetada foi Ibiraiaras/Santa Maria (RS), onde as plantas ainda não haviam se desenvolvido completamente. Produtores estimam que, entre perda de área e quebra de produtividade, cerca de três quartos da área tenha sido afetada, reduzindo significativamente a oferta da safra das secas na região. A temporada também pode ser prejudicada em São Mateus do Sul (PR) e em cidades próximas, já que as geadas podem reduzir a produtividade das áreas colhidas a partir de meados

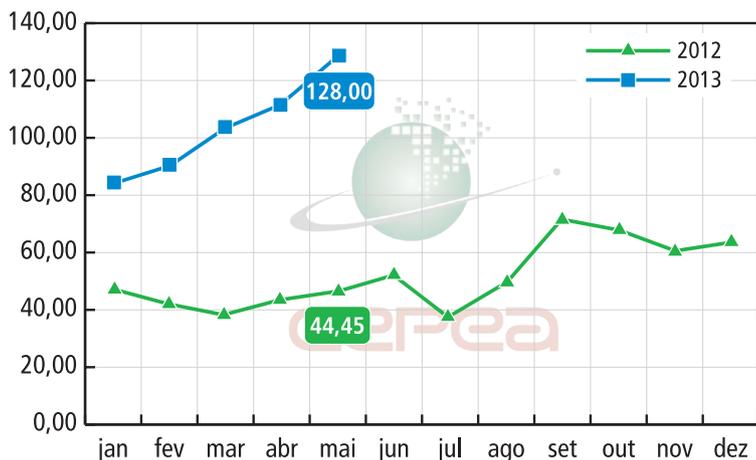
de junho. Já em Guarapuava (PR) e Bom Jesus (RS), regiões que também registraram geada em maio, o impacto foi baixo, visto que a grande maioria da safra das águas já havia sido comercializada.

Produtores de Vargem Grande do Sul finalizam plantio

O plantio da safra de inverno foi encerrado no início de junho na região de Vargem Grande do Sul (SP). Após as chuvas em março e no começo de abril, as atividades foram concentradas na segunda quinzena de abril e no correr de maio, com as últimas áreas sendo cultivadas nos primeiros dias de junho. Segundo agentes, caso o desenvolvimento seja normal, a previsão é de que a colheita seja concentrada em agosto e setembro, o que pode pressionar a cotação. Assim, produtores estudam dessecar parte das plantas em julho, mesmo sem que essas tenham atingido o ciclo ideal, visando realizar um calendário mais escalonado. Até o momento, a previsão climática é de chuvas e temperaturas dentro do normal, o que pode trazer produtividade superior em relação à da última temporada.

Baixo volume de batata-semente limita cultivo

Produtores de diversas regiões que cultivam nas safras das secas e de inverno estão com dificuldades em encontrar batata-semente, o que tem limitado o plantio de inverno. Com os altos preços desde o início do ano, boa parte da produção que seria destinada à semente foi comercializada no mercado *in natura*. Esse cenário, por sua vez, pode motivar crescimento nas importações de sementes certificadas. Segundo agentes do setor, a oferta baixa de batata-semente pode seguir até o plantio das águas, caso as cotações permaneçam elevadas no cenário nacional. Parte da produção de batata-semente do Sul de Minas, por exemplo, já está sendo direcionada ao mercado *in natura* nesta safra das secas. Nos quatro primeiros meses de 2013, foram importadas 3.271 toneladas de batata-semente, 128% a mais que no mesmo período do ano passado, segundo a Secex.



Preço em maio é o maior desde 2001

Preços médios de venda da batata ágata no atacado de São Paulo - R\$/sc de 50 kg

Fonte: Cepeca



Dow AgroSciences

Soluções para um Mundo em Crescimento®



Kasumin você conhece,
é o bactericida que cicatriza!

Kasumin é um antibiótico de ação preventiva e curativa que interrompe e cicatriza o dano da planta logo após a aplicação.*

- ▶ **DUPLA AÇÃO:** Bactericida e Fungicida com registro exclusivo agrícola.
- ▶ **AÇÃO SISTÊMICA:**
Rápida absorção, excelente em épocas chuvosas. Residual prolongado.
- ▶ **ORIGEM BIOLÓGICA:** Extraído de *Streptomyces kasugaensis*.
- ▶ Excelente opção na rotação com outros produtos.

Kasumin

O bactericida que cicatriza.

ATENÇÃO

Este produto é perigoso à saúde humana, animal e ao meio ambiente. Leia atentamente e siga rigorosamente as instruções contidas no rótulo, na bula e na receita. Utilize sempre os equipamentos de proteção individual. Nunca permita a utilização do produto por menores de idade.

CONSULTE SEMPRE UM ENGENHEIRO AGRÔNOMO, VENDA SOB RECEITUÁRIO AGRÔNOMO.



*Consulte o representante Arysta LifeScience da sua região.



Conheça o portfólio de produtos da Arysta LifeScience para hortifruti.
www.arystalifescience.com.br



Arysta LifeScience



RN/CE pode reduzir percentual destinado às exportações

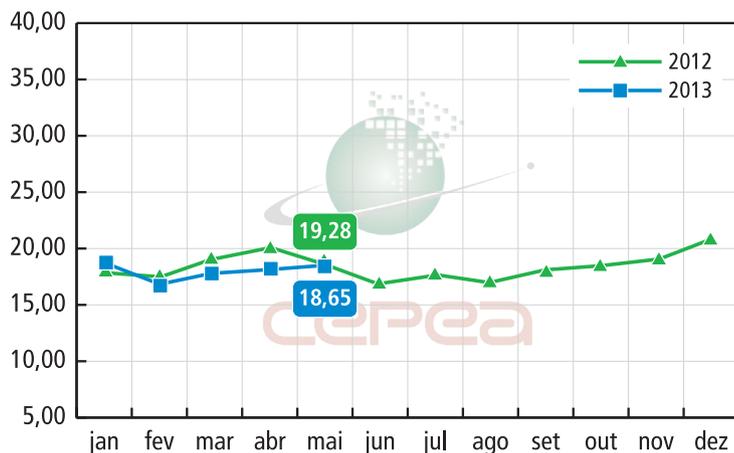
Mercado interno apresenta bom potencial de compra

O Rio Grande do Norte/Ceará pode elevar o percentual de melão destinado ao mercado interno, ainda que o foco de produtores continue sendo a exportação. A estimativa inicial é de que 35 a 40% dos melões colhidos na safra 2013/14 sejam vendidos no próprio País, contra 20 a 30% observado em anos anteriores. O consumidor brasileiro tem apresentado maior interesse na compra da fruta de alguns anos para cá. A região foco de direcionamento ainda é o Sudeste, mas até mesmo o Nordeste vem chamando a atenção dos fruticultores. Porém, vale ressaltar que o fechamento dos contratos ainda não terminou, e que o dólar tem valorizado a cada semana, o que pode mudar a estratégia de exportadores nos próximos meses.



Redução na oferta pode impulsionar preços

A expectativa de agentes consultados pelo Cepea é de que as cotações do melão aumentem no Nordeste em junho, sobretudo na região do Vale do São Francisco. Este cenário pode estar atrelado à redução na oferta da fruta no mercado doméstico, principalmente devido à menor colheita no Rio Grande do Norte/Ceará em junho e julho – produtores dessa região plantaram menos em abril e maio. Com a menor disponibilidade, os preços podem ficar elevados até o final de julho, quan-



Oferta reduz, mas cotação fica praticamente estável

Preços médios de venda do melão amarelo tipo 6-7 na Ceagesp - R\$/cx de 13 kg

Fonte: Cepea

do termina a safra principal do Vale e recomeça a do RN/CE. Um fator, porém, que pode limitar os ganhos dos produtores nordestinos nos meses de melhor remuneração é a produtividade, que geralmente é mais baixa no inverno, por conta do menor desenvolvimento da fruta – são colhidos mais melões miúdos, com menor valor de mercado.

RN/CE começa preparativos para safra 2013/14

A partir de junho, melonicultores do RN/CE devem começar o plantio da safra 2013/14. A colheita na região deve iniciar efetivamente em agosto, período que coincide com o início das exportações. Assim, junto aos preparativos para o cultivo, exportadores também têm fechado contratos com compradores internacionais. Na próxima temporada, melonicultores podem ter dificuldades nos embarques devido ao aumento do frete marítimo. A aposta inicial é de que haja leve redução em comparação com a temporada anterior, quando foram exportadas 181 mil toneladas (ago/12 a mar/13), segundo dados da Secex. Isso porque, por enquanto, não há previsão de aumento de área, e produtores do RN/CE podem se atentar ao mercado interno.

Participação de frutas do Vale recua na Ceagesp

Neste ano, a representatividade do Vale do São Francisco na oferta de melão na Ceagesp recuou, ao mesmo tempo em que a participação do Rio Grande do Norte/Ceará aumentou. Em maio, a disponibilidade na Ceagesp seguiu com proporção de 50% do Vale e 50% do RN/CE. Este cenário, no entanto, é diferente do observado nos últimos anos para o período – no final de maio de 2012, por exemplo, o Vale era responsável por boa parte das frutas vendidas na Ceagesp. Agora, com a expectativa de redução na oferta do RN/CE em junho e julho de 2013, o Vale pode retomar sua participação, e a representatividade pode ficar entre 70% e 80%. Já em agosto, o RN/CE volta a ofertar com força no mercado e o Vale do São Francisco reduz substancialmente a colheita.

Visite o estande da Hortifruti Brasil na Hortitec

Setor Azul • nº 38
19 a 21 de junho • Holambra-SP



Sem preocupação da indústria com o suprimento da fruta, compras são lentas em maio

Citricultores paulistas continuam na expectativa de que, em junho, aqueçam os negócios entre produtores e indústrias, a preços mais remuneradores. Até o final de maio, apenas uma processadora havia feito aquisições de laranja no *spot*, indicando que a divulgação de estimativas de menor safra ainda não causou preocupação nas indústrias quanto ao suprimento da fruta. As estimativas apresentadas em maio são bastante divergentes, o que amplia as incertezas do setor. A Conab estima 339,73 milhões de caixas de 40,8 kg, enquanto a CitrusBR projeta 268,35 milhões – para São Paulo e o Triângulo Mineiro. Porém, os dados da Conab não refletem a forte erradicação de pés no período e, assim, estariam acima do que deve ser efetivamente colhido. Diante disso, a maioria dos produtores concorda mais com o número da CitrusBR, mas a posição cautelosa das processadoras ainda não reflete esse cenário. Em maio de 2012, a CitrusBR divulgou que as indústrias pretendiam moer 247 milhões de caixas na safra 2012/13, mas especula-se que mais de 280 milhões teriam sido processadas, o que levaria a estoque próximo a 600 mil toneladas ao final da safra 2012/13 (junho/13). Assim, caso as indústrias absorvam cerca de 225 milhões de caixas em 2013/14, os estoques de suco cairiam para 400 mil toneladas no final da temporada (junho/14) – volume ainda bastante confortável para as in-

Estimativas de safra divergentes aumentam incertezas do setor

dústrias. Contudo, para adquirir esse total de caixas, seria esperado que as empresas elevassem as compras inclusive das precoces, evitando perdas.

Cotações das precoces seguem baixas

Neste início de temporada, os preços das laranjas precoces são considerados pouco remuneradores por produtores, já que as compras pelas fábricas devem se intensificar somente em junho. Até o final de maio, apenas uma indústria fez compras no *spot* a R\$ 6,00/cx de 40,8 kg posta, e o principal destino das precoces continuou sendo o mercado de mesa. Esse cenário pressionou os preços – a média do mês foi de R\$ 4,43/cx de 40,8 kg, na árvore, queda de 27,6% ante abril.

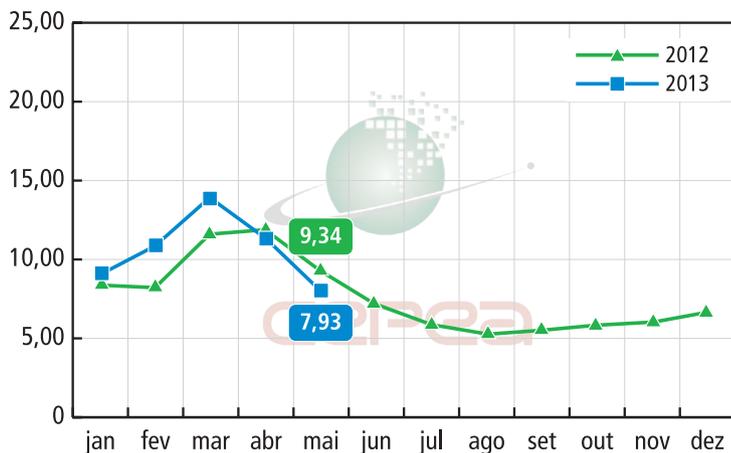


Volume embarcado sobe pela primeira vez desde setembro

O bom ritmo das exportações aos EUA permitiu que, pela primeira vez desde setembro de 2012, o volume de suco de laranja embarcado, na parcial da temporada 2012/13 (julho/12 a abril/13), superasse o mesmo período da safra anterior. Em volume, as vendas para os norte-americanos subiram expressivos 33% e 15% em receita na parcial da temporada. Segundo a Secex, o País embarcou, para todos os destinos, pouco mais de 998 mil toneladas em equivalente concentrado, 2% acima do mesmo período de 2011/12. Em receita, os valores ainda seguem inferiores, totalizando US\$ 1,967 bilhão, com queda de 6%.

Com pouca oferta, tahiti sobe 169% em maio

Os preços da lima ácida tahiti devem continuar a registrar aumentos em junho. Em maio, a fruta valorizou expressivos 169% em relação a abril, com a redução na oferta. A partir de junho, a tendência é que a disponibilidade da fruta seja ainda menor, o que motiva produtores a limitar a colheita, visando aproveitar os preços crescentes.



Pera cai 32% no mês de maio

Preços médios recebidos por produtores paulistas pela laranja pera - R\$/cx de 40,8 kg, na árvore



Fonte: Cepea

Visite o estande da Hortifruti Brasil na Hortitec

Setor Azul · nº 38

19 a 21 de junho · Holambra-SP



Norte de Minas é a principal região a ofertar palmer em junho

Boa temporada é esperada no Norte de MG

A colheita de manga em Jaíba e Janaúba, no Norte de Minas Gerais, começou aos poucos em abril e deve garantir um bom volume em junho e julho. A região é a maior fornecedora da *palmer* nesta época do ano. Com o aumento da produção em junho, os preços da fruta podem ser ligeiramente pressionados, porém a oferta nacional deve seguir baixa, atenuando essa queda caso a demanda siga firme. Além disso, a produção ocorre de maneira escalonada, fazendo com que as cotações se sustentem em bons patamares. Em maio, a *palmer* destinada ao mercado interno foi cotada nas roças mineiras a R\$ 2,08/kg, em média. A qualidade se mantém satisfatória em função do clima predominantemente seco e dos bons tratos na produção de manga, estimulados pelos preços firmes.



Vale do São Francisco mantém pouca oferta

Produtores do Vale do São Francisco (PE/BA) esperavam aumento da oferta de manga entre maio e junho, mas tiveram suas expectativas reavaliadas. As florações esperadas entre o final de 2012 e o início deste ano não se desenvolveram conforme o previsto, reduzindo a oferta da região nordestina, apesar de algumas propriedades intensificarem a colheita este mês. Com isso, a procura pela fruta pode continuar maior que a oferta, sustentando os preços. Porém a rentabilidade po-

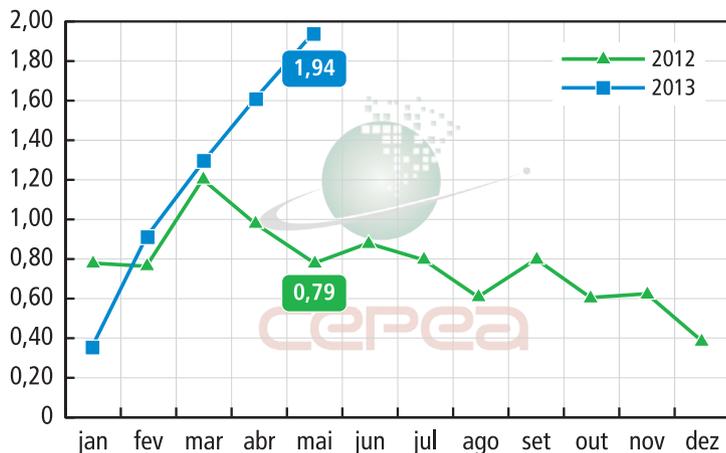
de cair devido ao pequeno volume à disposição.

Retomada da irrigação na Bahia traz cenário mais otimista

A irrigação na região de Livramento de Nossa Senhora (BA), que estava paralisada desde novembro do ano passado, deve ser retomada em junho. Por enquanto, produtores contarão com apenas um dia por semana para irrigar os pomares, mas esse cenário já melhora as expectativas para o segundo semestre. Até então, a oferta local estava limitada a produtores que dispunham de poços artesianos e carros pipas. Com o retorno da irrigação, mangicultores se atentam às florações e à retomada dos tratos culturais para a safra principal, prevista para ocorrer em outubro.

Regiões nordestinas devem apresentar florações espontâneas

Os pomares de Petrolina (PE), Juazeiro (BA) e Livramento de Nossa Senhora (BA) devem florir naturalmente em junho, favorecidos pelo clima mais seco e com temperaturas mais amenas, segundo dados do Centro de Previsão do Tempo e Estudos Climáticos (Cptec/Inpe). Nos últimos meses, as induções florais não foram bem sucedidas no Vale do São Francisco, e nem realizadas em Livramento. Em maio, as temperaturas já começaram a diminuir no Nordeste, e produtores seguem na expectativa de que o clima fique ainda mais ameno em junho para que os processos fisiológicos se confirmem nas mangueiras. No Vale do São Francisco, produtores ainda induzirão florações neste mês, mas também esperam as florações naturais. Com as flores abrindo principalmente a partir de junho, o pico de safra típico da região nordestina pode ser atrasado em cerca de um mês, passando para outubro/novembro.



Errata:

No período de janeiro a março deste ano, os envios brasileiros de manga foram **10,23% inferiores ao mesmo período de 2012**, e não **4,11% maiores**, como publicado na edição de maio.

Preço da *tommy* em maio é recorde desde 2001

Preços médios recebidos por produtores de Petrolina (PE) e Juazeiro (BA) pela *tommy atkins* - R\$/kg

Fonte: Cepea

Visite o estande da Hortifruti Brasil na Hortitec

Setor Azul · nº 38

19 a 21 de junho · Holambra-SP



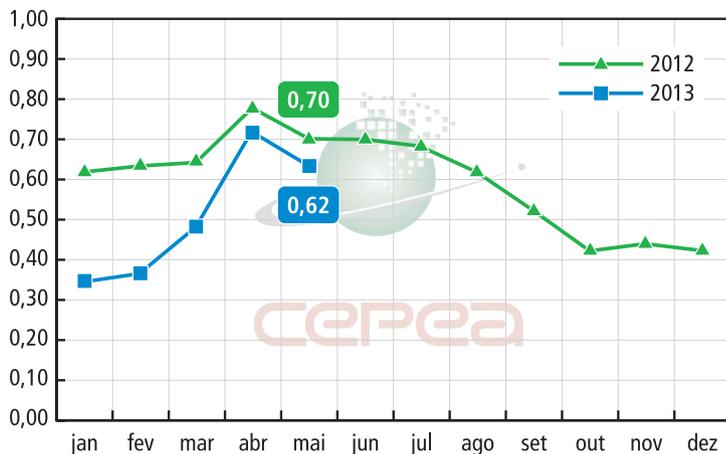
Vale do Ribeira volta a investir contra sigatoka negra

Incidência da sigatoka pode diminuir em junho

A ocorrência do fungo causador da *sigatoka* negra deve começar a reduzir em junho no Vale do Ribeira (SP). Com o início do inverno e provável menor incidência da doença, produtores poderão aplicar os devidos fungicidas para prevenção, a fim de proteger as bananeiras para o segundo semestre. Desde o início de 2013, a doença vem atingindo mais bananeiras do que normalmente ocorre. O aumento do fungo pode estar relacionado ao manejo insuficiente nos últimos meses do ano passado e ao clima propício ao desenvolvimento do fungo – bom volume de chuvas e temperaturas elevadas. Dessa forma, produtores têm perdido mais frutas neste ano na praça paulista. No final de 2012, houve um pico de oferta que pressionou consideravelmente as cotações, com preços, inclusive, abaixo do custo de produção em alguns momentos. Esse cenário não resultou capital suficiente para produtores realizarem os devidos tratamentos culturais, favorecendo o alastramento do fungo.

Nanica paulista enfrenta concorrência do RN

A banana nanica produzida no Rio Grande do Norte tem interferido na comercialização da fruta do Vale do Ribeira (SP), sobretudo nos atacados do Sudeste. A nanica do Rio Grande do Norte apresenta boa qualidade, já que o estado é o principal exportador de banana para a União Europeia.



Preço de nanica reduz no Vale

Preços médios recebidos por produtores do Vale do Ribeira pela nanica - R\$/kg

Fonte: Cepea

Em 2012, houve inclusive pequeno aumento de área na região nordestina com o intuito de aumentar os envios neste ano. No entanto, um ligeiro acúmulo da fruta nas roças causado pela redução nas exportações até abril fez com que parte da banana fosse comercializada no mercado doméstico, principalmente em São Paulo. Apesar de bananicultores do Vale do Ribeira não disponibilizarem elevado volume da variedade, as cotações tem sido pressionadas pela entrada da fruta nordestina no mercado paulista. A previsão de melhora nos preços é apenas para o segundo semestre. Isso porque o consumo da fruta reduz com o início do inverno e com as férias de julho, quando as compras de banana nanica pelas escolas diminuem.



Oferta deve permanecer baixa no inverno

A oferta nacional de bananas nanica e prata deve continuar reduzida durante os meses mais frios (junho a setembro). A oferta das variedades prata, anã e litoral já estava restrita desde o início de 2013. Com isso, produtores estavam retirando os cachos da bananeira antecipadamente, e a fruta ofertada no mercado doméstico tem apresentado tamanho abaixo do considerado ideal para comercialização. Nos meses de inverno, o cenário deve ser semelhante: escassez de prata. Além disso, o pouco volume disponível deve estar com baixo calibre, mas não mais por conta da antecipação do corte como tem ocorrido, e sim da queda das temperaturas que retarda o desenvolvimento das plantas. Quanto aos preços da prata, não devem aumentar mais mesmo com baixa oferta, uma vez que já estão em patamares bastante elevados. O quilograma da variedade na roça chegou a R\$ 1,80 entre os dias 17 e 23 de maio na região Norte de MG, maior valor nominal desde 2002, quando foi iniciado o levantamento do Hortifruti/Cepea. Já para a banana nanica, a oferta tem suprido a demanda. Porém, os preços têm oscilado bastante nos últimos meses. Para junho, os preços da nanica podem voltar a reduzir, devido à previsão de forte recuo na demanda: proximidade das férias e frio.

Visite o estande da Hortifruti Brasil na Hortitec

Setor Azul · nº 38
19 a 21 de junho · Holambra-SP



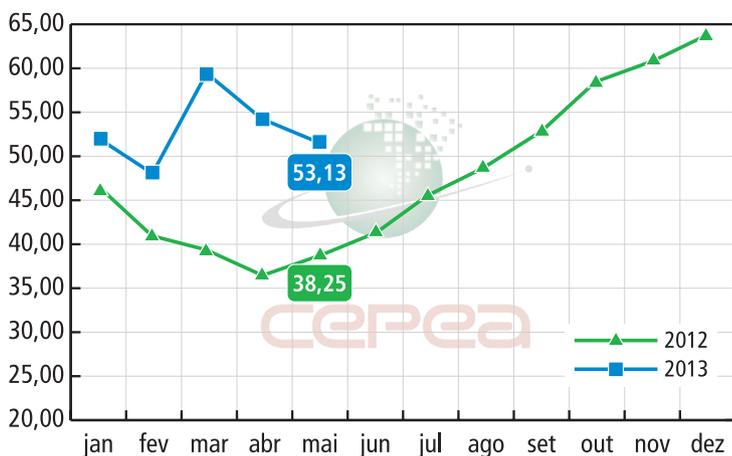
Safra 2012/13 deve ter redução de 11%

Com alternância de produção, volume de fuji deve ser 15% menor

Com a finalização da colheita da maçã fuji nas regiões produtoras do Sul do País, estão encerradas as atividades de campo da safra 2012/13. Segundo dados da ABPM (Associação Brasileira de Produtores de Maçã), a estimativa é que o total de frutas colhidas nesta temporada seja de 1,049 milhão de toneladas, recuo de 11% frente à temporada anterior. Deste total, 611 mil toneladas correspondem à variedade gala, que teve redução de 10% em relação à temporada 2011/12. Quanto à fuji, a produção também diminuiu, totalizando 354 mil toneladas, volume 15% inferior na mesma comparação. Segundo colaboradores do Cepea, a maçã fuji apresenta alternância de produção nesta safra, ou seja, deve apresentar menor produtividade, devido ao maior desenvolvimento foliar. As outras 84 mil toneladas produzidas na temporada 2012/13 correspondem a outras variedades, principalmente precoces, como a eva. A redução total no volume produzido ocorreu devido à característica dos frutos nesta safra, que estão miúdos. Isso porque, durante o desenvolvimento da polpa das maçãs, choveu menos que o necessário.

Volume importado diminui, mas gastos aumentam em 2013

De janeiro a abril deste ano, o volume de maçãs importadas foi de 15 mil toneladas, redução de 11% frente ao mesmo período do ano pas-



sado, segundo a Secex (Secretaria de Comércio Exterior). Apesar da redução no volume, os gastos registraram aumento de 1%, resultando em, aproximadamente, US\$ 18 milhões nos quatro primeiros meses do ano. Esse acréscimo pode ser explicado pela valorização da maçã da Argentina, devido à menor disponibilidade de frutas com qualidade satisfatória para exportação naquele país – chuvas de granizo foram registradas no período de colheita no país vizinho, o que reduziu o volume e a qualidade das maçãs de mesa. No atacado paulistano (Ceagesp), a red argentina foi comercializada a R\$ 73,31/cx de 19 kg, em média, em maio, valor 28% acima do registrado no mesmo mês de 2012. Quanto às exportações brasileiras, de janeiro a abril deste ano, cerca de 50 milhões de toneladas foram enviadas para o mercado externo, aumento de 30% frente ao mesmo período do ano passado. Com relação à receita (FOB), o total obtido é de US\$ 37,3 milhões, 44% acima na mesma comparação. Dentre os países comparadores, o que mais importou a fruta brasileira foi a Holanda. Segundo dados da Associação Mundial de Pêra e Maçã (WAPA), os estoque de maçã daquele país, em março, estavam 31,6% menores que os do ano passado.



Oferta mais escalonada pode elevar preços

As cotações da maçã podem aumentar neste mês, depois das quedas observadas em maio. A expectativa de médios e grandes produtores é de que a oferta seja mais escalonada a partir do próximo mês, visto que muitos pequenos produtores encerraram as vendas da fruta em maio. Por outro lado, o acréscimo na procura por maçãs não deve ser muito elevado, devido à chegada do inverno e das férias escolares, período em que o volume de maçãs comercializado é menor. Em maio, a maçã gala, calibre 110, categoria 1, foi negociada a R\$ 53,04/cx de 18 kg, em média, na região de Vacaria (RS), recuo de 3% em relação a abril. O mesmo cenário foi observado para a fuji, que apresentou desvalorização de 3% na mesma comparação.

Menor procura desvaloriza gala na Ceagesp

Preço médio de venda da maçã gala Cat 1 (calibres 80 -110) na Ceagesp - R\$/cx de 18 kg

Fonte: Cepea



Dow AgroSciences

Soluções para um Mundo em Crescimento®

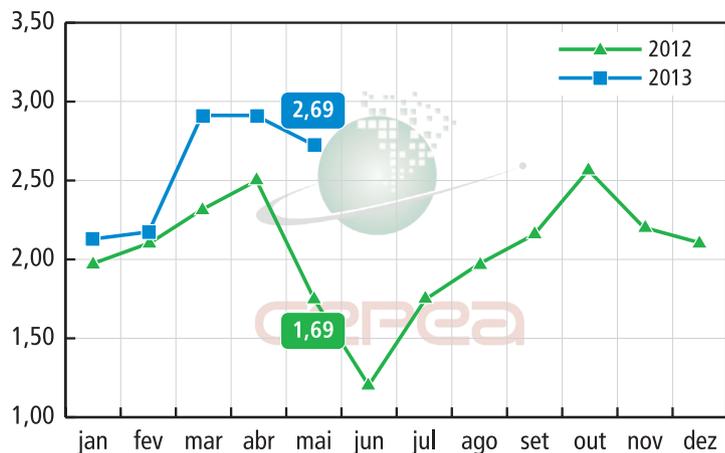




Importação chilena deve seguir em alta

Maior entrada de uva do Chile muda escoamento da fruta brasileira

Em junho, o Brasil deve continuar importando boa quantidade de uva do Chile, cenário observado desde abril. Nos últimos meses, a maior entrada de uva chilena pressionou as cotações da uva sem semente ofertada pelo Vale do São Francisco (BA/PE), de modo que produtores nordestinos têm optado por alterar suas estratégias de escoamento da fruta. Nesta época do ano, o Vale normalmente destina a crimson aos atacados de SP e RJ. Porém, dada a concorrência com a estrangeira, parte da fruta tem sido vendida no próprio mercado regional (Nordeste) e também em cidades como Belo Horizonte (MG) e Brasília (DF). Já a partir de julho, com o encerramento da colheita no Chile, o mercado deve se normalizar para o Vale. Os dois principais fatores que têm propiciado a maior entrada da uva do Chile neste semestre são a redução das importações da fruta argentina e a greve nos portos chilenos. Com a paralisação portuária, exportadores chilenos redirecionaram para o Brasil parte da uva que não pôde ser enviada aos mercados asiáticos, europeus e norte-americanos. Mesmo com a recente reação da importação do Chile, a queda da Argentina foi intensa o suficiente para que, de janeiro a abril/13, o Brasil importasse 18% menos uva ante o mesmo período do ano passado, com menos de 20 mil toneladas.



Maior oferta em maio reduz preço da Itália

Preços médios recebidos por produtores pela uva Itália - R\$/kg

Fonte: Cepea



Vale deve aumentar colheita em junho

O Vale do São Francisco deve aumentar a colheita de uva em junho de Itália e das sem semente crimson, thompson e festival. O pico de safra ocorre no segundo semestre, enquanto em junho produtores se atentam aos tratamentos culturais. A expectativa de viticultores é de que a produtividade seja satisfatória com a irrigação, entre 25 e 30 t/ha para a uva sem semente. Além disso, as frutas podem apresentar boa qualidade, visto que a estiagem limita a incidência de pragas e doenças. Conforme a colheita ganha ritmo, produtores definem suas opções de escoamento da uva. Para as finas com semente, os principais mercados são o Nordeste e Sul/Sudeste. Quanto às uvas sem semente, boa parte da produção é exportada. Porém, a parcela que é vendida no Brasil tem aumentado a cada safra e, neste segundo semestre de 2013, essa tendência deve se repetir. A principal sinalização nesse sentido é que as podas estão ocorrendo de modo a proporcionar colheita escalonada, e não concentrada no período de janela de exportação.

Safra temporã finaliza até julho

Produtores de Porto Feliz e Louveira/Indaiatuba (SP), que se dedicam ao cultivo de niagara, devem encerrar a safra temporã entre junho/julho. Em ambas as regiões, o clima foi favorável, resultando em uva de boa qualidade. No balanço da safra (de março a maio), a variedade teve média de R\$ 2,79/kg, 12% acima dos mesmos meses de 2012 e 96,5% maior que o valor mínimo estimado para cobrir os gastos com a cultura. Assim, os resultados da temporã paulista foram considerados satisfatórios. As regiões do Paraná também devem encerrar a colheita temporã até julho. Porém, o ganho do setor foi limitado pela produtividade abaixo do potencial e pela incidência de chuvas – a umidade depreciou a qualidade da fruta, reduzindo seu preço. Paranaenses e paulistas devem intensificar, a partir de agosto, os tratamentos culturais visando à safra de final de ano.



Dow AgroSciences

Soluções para um Mundo em Crescimento®

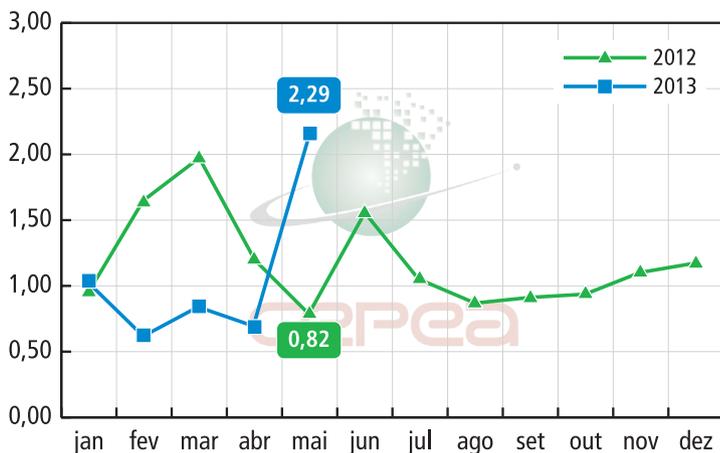




Clima reduz disponibilidade de havaí no mercado

Preço do havaí em junho pode cair apesar da baixa oferta

Agentes consultados pelo Cepea esperam que em junho as cotações do mamão havaí sejam menores que as de maio, por causa da demanda desaquecida. As cotações da fruta estão em patamares elevados no mercado, mas a desvalorização da variedade em junho não deve ocorrer na mesma proporção que a alta do mês anterior. Isso porque não há volume considerável de mamão no mercado para possibilitar uma queda brusca nos preços. A escassez de mamão havaí no mercado doméstico em maio, de modo geral, causou expressivas altas da variedade nas principais regiões produtoras da fruta. De acordo com produtores, a baixa oferta da variedade foi causada pelo clima quente e seco do início do ano, que acelerou o amadurecimento do mamão, antecipando a colheita. Desse modo, o havaí que estaria disponível para comercialização durante o mês de maio já foi colhido e comercializado nos meses anteriores. Assim, as principais regiões acompanhadas pelo Hortifruti/Cepea registraram consideráveis elevações nos preços da fruta. No Sul da Bahia, região onde houve maior elevação dos preços, o mamão havaí tipo 12 a 18, em maio, apresentou valorização de 75% frente a abril, passando de R\$ 0,63/kg para R\$ 2,50/kg – a variedade chegou a ser cotada em média a R\$ 2,80/kg na segunda semana do mês.



Preço do havaí dispara com baixa oferta

Preços médios recebidos por produtores pelo mamão havaí tipo 12-18 - R\$/kg (exceto RN)

Fonte: Cepea



Exportações aumentam e confirmam previsões

As exportações brasileiras de mamão aumentaram na parcial de 2013 (janeiro a abril) frente ao mesmo período de 2012, conforme previsões anteriores de aquecimento nas vendas externas. Exportadores estavam receosos, quanto à qualidade do mamão, visto que esse é um dos maiores empecilhos das exportações brasileiras da fruta. Porém, ainda de acordo com exportadores, não houve problemas fitossanitários que alterassem as condições da fruta e que inviabilizassem a procura externa pelo mamão nacional. Dessa maneira, de acordo com a Secex, o volume exportado na parcial de 2013 foi 10% maior frente ao ano anterior, atingindo 9,4 mil toneladas. Esses envios geraram uma receita de US\$ 13,6 milhões, valor 11% maior. A previsão de agentes ainda é de exportações aquecidas pelo menos até o fim deste semestre, porém a atratividade do mercado no Brasil, tanto da variedade havaí como da formosa, pode limitar os embarques.

Oferta em junho e julho pode diminuir com o clima frio

A oferta de mamão nos próximos meses pode estar mais reduzida, porque com o frio o amadurecimento da fruta torna-se mais lento, atrasando a colheita. Desse modo, as temperaturas mais amenas já em maio devem diminuir a disponibilidade de mamão em junho e julho. A previsão do Cptec/Inpe, de junho a agosto, é de temperaturas dentro da normal climatológica no Sudeste, mas com possibilidade de massas de ar frio intensas no período. Para o Nordeste, a previsão é que a temperatura deva permanecer dentro ou acima da normal climatológica para o mesmo período comparativo. As temperaturas esperadas em junho, para Linhares (ES) e Teixeira de Freitas (BA), por exemplo, estão entre 17°C e 27°C em ambas as cidades, de acordo com a Somar Meteorologia.

Visite o estande da Hortifruti Brasil na Hortitec

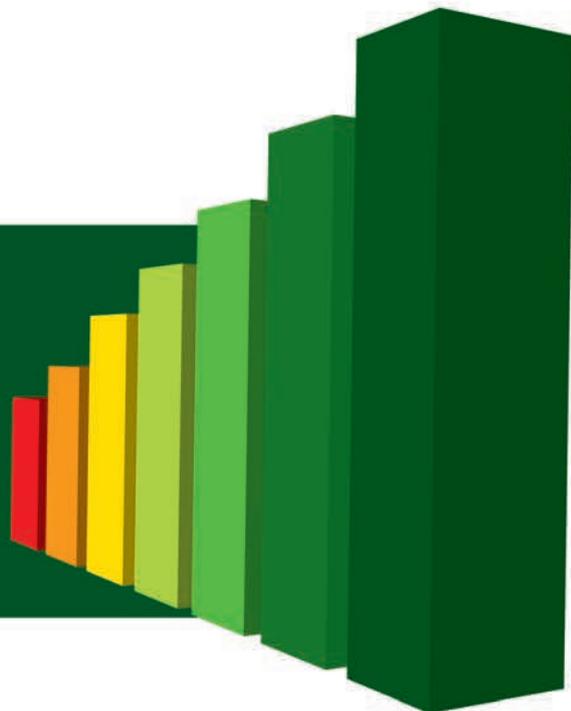
Setor Azul · nº 38

19 a 21 de junho · Holambra-SP

20^a HORTITEC

Exposição Técnica de Horticultura, Cultivo Protegido e Culturas Intensivas

Sempre pensando
no seu negócio



de 19 a 21 de junho de 2013

de quarta a sexta-feira das 9 às 19 horas

Holambra - SP

Paralelamente: Eventos de Capacitação

Organização

RBB
PROMOÇÕES & EVENTOS

Eventos de Capacitação



Patrocínio



Apoio



Passagens e Hospedagens



Informações

www.hortitec.com.br

Local: Recinto da Expoflora | Al. Maurício de Nassau, 675 - Holambra - SP | Rod. Campinas-Mogi Mirim, km 140

Informações: Tel/Fax: (19) 3802 4196 | E-mail: rbb@rbbeventos.com.br | Site: www.rbbeventos.com.br

Eventos de Capacitação: Tel/Fax: (19) 3802 2234 | flortec@flortec.com.br | Site: www.flortec.com.br

DOW AGROSCIENCES PROTEÇÃO DE PONTA A PONTA



Pulsor[®] 240 SC
FUNGICIDA

Dithane[®] NT 
FUNGICIDA

Curathane[®] SC
FUNGICIDA

Sabre[®]
INSETICIDA

Lorsban[®] 480 BR
INSETICIDA

Intrepid[®] 240 SC
INSETICIDA

Tracer[®]
INSETICIDA

Tairel[®] M

Ellect

Agata[®]

Platinum NEO

A Dow AgroSciences apresenta sua linha de produtos para proteção das lavouras de **Hortifruti**.

São diversas soluções, para múltiplas culturas, que protegem sua produção de ponta a ponta!

www.dowagro.com.br
0800 772 2492

ATENÇÃO

Este produto é perigoso à saúde humana, animal e ao meio ambiente. Leia atentamente e siga rigorosamente as instruções contidas no rótulo, na bula e na receita. Utilize sempre os equipamentos de proteção individual. Nunca permita a utilização do produto por menores de idade.

CONSULTE SEMPRE UM ENGENHEIRO AGRÔNOMO. VENDA SOB RECEITUÁRIO AGRÔNOMICO.



Dow AgroSciences

Soluções para um Mundo em Crescimento[®]

CONVITE

Visite a Hortifruti Brasil na 20ª Hortitec!

— PROGRAME-SE! —

20ª Hortitec

de **19** a **21** de junho

Holambra/SP

Estande da
Hortifruti Brasil
Setor Azul • nº 38

Reserve seu convite para a Hortitec com a gente!

19 3429.8808



Hortifruti



20ª HORTITEC

PARA USO DOS CORREIOS

- | | |
|--|--|
| 1 <input type="checkbox"/> Mudou-se | 2 <input type="checkbox"/> Falecido |
| 3 <input type="checkbox"/> Desconhecido | 4 <input type="checkbox"/> Ausente |
| 5 <input type="checkbox"/> Recusado | 6 <input type="checkbox"/> Não procurado |
| 7 <input type="checkbox"/> Endereço incompleto | 8 <input type="checkbox"/> Não existe o número |
| 9 <input type="checkbox"/> _____ | 10 <input type="checkbox"/> CEP incorreto |

Reintegrado ao Serviço Postal em ____/____/____
Em ____/____/____ Responsável _____

Impresso Especial
FEALQ
... CORREIOS ...

9912227297-2009 - DR/SP1



Uma publicação do CEPEA USP/ESALQ
Av. Centenário, 1080 CEP: 13416-000 Piracicaba (SP)
Tel: 19 3429.8808 - Fax: 19 3429.8829
e-mail: hfcepea@usp.br

IMPRESSO

CONVITE

Visite a **Hortifruti Brasil** na 20ª Hortitec!

Convidamos a todos a prestigiarem a **Hortifruti Brasil** na 20ª Hortitec, que ocorrerá de 19 a 21 de junho, em Holambra (SP).

Toda a nossa equipe de analistas de mercado estarão no estande para atender os mais diversos agentes do setor, com distribuição gratuita de revistas e palestras ministradas sobre o atual panorama de mercado de frutas e hortaliças em nossa **Sala do Produtor**.

Nosso ciclo de palestras se estenderá também no estande da Syngenta, com palestras sobre o mercado hortifrutícola de hora em hora.

Reserve seu convite para
a Hortitec com a gente!

19 3429.8808



Muito mais que uma publicação, a **Hortifruti Brasil** é o resultado de pesquisas de mercado desenvolvidas pela Equipe Hortifruti do Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada (Cepea), do Departamento de Economia, Administração e Sociologia da ESALQ/USP.

As informações são coletadas através do contato direto com aqueles que movimentam a hortifruticultura nacional: produtores, atacadistas, exportadores etc. Esses dados passam pelo criterioso exame de nossos pesquisadores, que elaboram as diversas análises da **Hortifruti Brasil**.



20ª HORTITEC

Uma publicação do CEPEA – ESALQ/USP
Av. Centenário, 1080 CEP: 13416-000 Piracicaba (SP)
tel: (19) 3429.8808 Fax: (19) 3429.8829
E-mail: hfcepa@usp.br
www.cepea.esalq.usp.br/hfbrasil